



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**SUBVERSÃO DO COTIDIANO FEMININO EM *DOIDAS E SANTAS*, DE MARTHA
MEDEIROS**

VANESSA OHANNA FERREIRA BRANDÃO

CAMPINA GRANDE – PB
2015

VANESSA OHANNA FERREIRA BRANDÃO

**SUBVERSÃO DO COTIDIANO FEMININO EM
DOIDAS E SANTAS, DE MARTHA MEDEIROS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras-
Língua e Literatura Portuguesa como requisito
para obtenção do título de licenciada em
Letras.

Orientadora: Tássia Tavares de Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB
2015

VANESSA OHANNA FERREIRA BRANDÃO

**SUBVERSÃO DO COTIDIANO FEMININO EM
DOIDAS E SANTAS, DE MARTHA MEDEIROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras – habilitação Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Profa. Me. Tássia Tavares de Oliveira – UFCG (Orientadora)

Prof. Me. José Mário da Silva Branco – UFCG (Examinador)

Profa. Me. Aluska Silva Carvalho – UFCG (Examinadora)

Aprovado em ___/_____/_____

Campina Grande, Março de 2015

AGRADECIMENTOS

Deus, o onipotente em minha vida, que me deu a graça de ser sua filha e herdeira, por sua vontade e amor sempre iluminando e guardando meu caminho, enquanto pessoa e profissional, ao longo desses cinco anos de curso, com todas as alegrias e ansiedades, não deixou de me aparar e cuidar, sendo meu protetor. Realizando os seus projetos dia a dia, fazendo com que fosse superando cada obstáculo.

Aos meus pais, José e Carmem, por todo o amor e apoio dado em todos os momentos da minha existência. Sendo meu alicerce, por toda a educação proporcionada, sempre querendo o melhor para mim, e nesse ciclo, me acompanhando diariamente, para que me tornasse o que sou hoje.

À minha irmã linda, Marina, por cada palavra de incentivo e carinho, porque sei que posso contar sempre contigo, pois o laço de irmandade que nos une é para sempre.

Tássia, minha querida orientadora, obrigada por tudo o que você fez por mim, desde o momento que te convidei, e mesmo sem nos conhecermos, você me acolheu, e caminhou comigo durante esse processo monográfico. Só tenho a te agradecer muito, por ser essa pessoa encantadora que és, e cada palavra de paciência e força, me mostrando que daria certo, e acreditando na minha capacidade intelectual. Enfim, todas as nossas conversas, risadas, troca de experiências e aprendizados, que me fizeram crescer enquanto ser humano e profissional no curso, as caronas, as nossas reuniões. Sei que essa nossa parceira, só está apenas começando.

Professor Mário, um exemplo de pessoa e professor em sala de aula, me acompanhando desde as cadeiras de início do curso, me mostrando a beleza e o encanto que a Literatura tem a oferecer, e na qual tivesse a honra de ser sua Monitora em Teoria da Narrativa, engradecendo nosso elo, e agora, contar de forma prestativa e carinhosa, para fazer parte como examinador da minha banca, meu muito obrigado.

Aluska, minha professora de estágio, obrigada por aceitar fazer parte como examinadora da minha banca, com você aprendo em nosso contato diário, como é arte de ensinar Literatura.

Dan, te tornaste um amigo para mim, me acompanhando desde o projeto de pesquisa, dando sempre tuas sugestões para meu trabalho, e me ajudando nas minhas linhas de pesquisa, dizendo: Por que tu não fazes sobre crítica feminista? Lembra? As nossas conversas

sempre engraçadas e entusiasmadas, e a troca de textos. Só tenho a dizer: Muito obrigada de coração, por me ajudar antes e agora, ficou lindo.

Aos ex-professores e professores da UAL, obrigada em através de cada conhecimento acadêmico e pelo modo de ser, termos uma partilha trocada em cada disciplina, contribuindo para minha formação.

Ao querido Marciano, por sempre estar disposto a ajudar todos os alunos do curso, desde a primeira matrícula até a conclusão do curso. Agradeço igualmente a Valdemar pela mesma disposição.

A todos os familiares, amigos, colegas, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para minha formação e meu êxito, aos que sempre apostaram em mim e “compraram” junto comigo este sonho, o meu sincero e emocionado **MUITO OBRIGADA** de coração.

*Um amor sem tanta racionalidade, sem demarcação de território,
sem guerra pelo poder. Amolecer de vez em quando, com entrega, com gosto.
É onde ainda podemos ressuscitar a mulher que fomos, sem prejuízo à mulher que somos.*

Martha Medeiros

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso alia o interesse entre a Literatura e a Interculturalidade, debatendo sobre a história, a função e as contribuições do gênero literário crônica e da crítica feminista, tendo como objetivo estudar a subversão do cotidiano feminino nas crônicas de Martha Medeiros presentes no livro *Doidas e Santas*. O suporte teórico utilizado envolve os estudos de autores como Antônio Cândido (1993), Jorge de Sá (2008), Lúcia Osana Zolin (2009), Marina Colasanti (2004), entre outros. Como procedimentos metodológicos, foi realizado um estudo de identificação e análise de três crônicas de Martha Medeiros: “Casamento aberto”; “O cara do outro lado da rua”; e a homônima “Doidas e Santas”, enfocando os processos de subversão do cotidiano feminino, que estão sendo construídos e articulados de acordo com o discurso proferido pelas mulheres de determinado contexto sócio-histórico. Os resultados obtidos foram à desconstrução desses discursos e rótulos que envolvem a mulher desde os tempos mais remotos, e assim em uma súbita submersão das mulheres em tentar transformar essa cultura.

Palavras-chave: Crônica. Crítica Feminista. Martha Medeiros. Subversão.

ABSTRACT

This course conclusion work alia interest between Literature and Interculturality, in discussing the history, role and contributions of chronicle literary genre and feminist criticism, in order to study the subversion of women's daily lives of the chronicles of Martha Medeiros in the book *Crazy and Holy*. The theoretical support involves the study authors such as Antonio Candido (1993), Jorge Sá (2008), Lucia Osana Zolin (2009), Marina Colasanti (2004), among others. The methodological procedures, a study was conducted for the identification and analyzed of three chronicles from Martha Medeiros: "Open marriage"; "The guy across the street"; and the eponymous "Crazy and holy", focusing on the female everyday's subversion processes, which are being built and articulated according to the speech given by women of a certain socio-historical context. The results were the deconstruction of these discourses and labels involving women since ancient times, and so in a sudden submersion of women in trying to turn this culture.

Keywords: Chronicle. Feminist criticism. Martha Medeiros. Subversion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O GÊNERO LITERÁRIO CRÔNICA	11
3	A MULHER NA CRÍTICA LITERÁRIA	20
4	ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS	29
4.1	“Casamento aberto”: reavaliar a importância dada ao casamento tradicional na vida das mulheres	29
4.2	“O cara do outro lado da rua”: novas formas de relacionamento amoroso nos centros urbanos	38
4.3	“Doidas e santas”: reivindicar o direito de ser mulher de diferentes formas no século XXI	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	58
	ANEXOS	60

1. INTRODUÇÃO

Entre os mais diversos nomes consagrados da literatura brasileira contemporânea merece o devido destaque a obra da escritora Martha Medeiros. Martha Medeiros nasceu em Porto Alegre no dia 20 de agosto de 1961, é colunista do jornal Zero Hora de Porto Alegre, e de O Globo, do Rio de Janeiro. Formou-se em 1982, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, em Comunicação Social. É jornalista, escritora, aforista e poetisa, tem como gêneros literários mais produzidos crônicas e romances. A relação marcante com as crônicas se deu quando voltou para Porto Alegre e começou a escrever para o jornal, a partir daí, sua carreira literária deslanchou.

Entre as suas obras publicadas temos: *Strip-Tease* (1985), *Geração Bivolt* (1995) - Primeiro livro de crônicas, *Topless* (1997) – Crônicas, *De Café e Cogumelos* (2001), *Divã* (2002) - Romance que deu origem a uma peça, a um filme e série de TV, todos estrelados pela atriz Lilia Cabral, no papel de Mercedes, *Doidas e Santas* (2008), *A Graça da Coisa* (2013) - Contos e Crônicas. Ela fez sucesso no Brasil com seus textos publicados em jornais de repercussão nacional, sites e livros que se transformaram em *best-sellers* da atualidade. Não foi diferente da sua grande obra, que tomamos como objeto de estudo, o livro *Doidas e Santas* (2008), constituído de crônicas e adaptado para o teatro.

Neste livro, que reúne cem crônicas, a escritora aborda temas diversos do cotidiano humano, entre eles: o amor, o cinema, os relacionamentos, as relações familiares, etc. Alguns desses temas (amor, relacionamentos) são bem marcantes nas crônicas que serão analisadas ao longo da pesquisa, são elas: “Casamento Aberto” (anexo 1), “O cara do outro lado da rua” (anexo 2) e “Doidas e Santas” (anexo 3).

Este tipo de narrativa é peculiar e tem formatos distintos em sua estrutura composicional, estilo e temática, ou seja, múltiplas opções de escrita, que variam de acordo com a veia literária do cronista. Assim, temos no livro, a primeira crônica, intitulada “Casamento Aberto”, em que se observa uma argumentativa. Já na segunda, intitulada “O cara do outro lado da rua”, é classificada em Narrativo-Descritiva. E por fim, a terceira, intitulada “Doidas e Santas”, uma humorística.

Dentre os nossos objetivos, configura-se como geral estudar a subversão do cotidiano feminino nas crônicas no livro *Doidas e Santas*, da escritora Martha Medeiros. E como

específicos: analisar a concepção de casamento presente na crônica “Casamento Aberto”, sob uma perspectiva feminista; identificar os elementos narrativos da crônica “O cara do outro lado da rua” que revelem um ponto de vista sobre relacionamento amoroso; analisar a relação de ambiguidade construída sobre os perfis femininos na crônica “Doidas e Santas”.

A motivação dessa monografia consiste na busca de refletir sobre a subversão do cotidiano feminino, atentando para os elementos textuais (tempo, espaço, personagens, etc.) essenciais de uma crônica, por se tratar de uma realidade bastante complexa e múltipla, vivenciada de forma diferente pelas mulheres de nossa sociedade.

A escolha pela autora Martha Medeiros se dá devido ao fato de ser ainda pouco estudada pela academia, e sendo uma mulher escritora. Some-se a isso, o interesse pela linha teórica da crítica literária feminista. O que acaba refletindo nas crônicas que foram escolhidas que tem um caráter inovador em diversos aspectos, caracterizadas em privilegiar uma recepção próxima ao leitor, mostrando que não estamos sozinhos nas nossas neuroses diárias, e assim de uma forma prazerosa, divertida, leve e reflexiva serem narrados os acontecimentos do cotidiano.

Chamamos a atenção ainda para a justificativa apresentada sobre a escolha do gênero crônica. Pertencente aos gêneros em prosa, e é um tipo de narrativa que vem sendo difundida dentro e fora do meio acadêmico, e assim essa pesquisa busca privilegiá-lo.

Por fim, outra justificativa é em relação à obra ser contemporânea, o livro *Doidas e Santas* (2008), é bem recente, o que leva alguns estudiosos da crítica a tratar tais publicações com estereótipos (falta de qualidade estética, ser de autoajuda, lida por um público semiculto ou inculto) e é o contrário do que propõe a nossa escritora em relação à forma e a temática diferentes, com um tom peculiar e de sutileza marcantes, pois Martha expõe os anseios de sua geração e de sua época, na perspectiva feminista. Assim, o trabalho fugirá da visão estereotipada e preconceituosa que existiu na literatura clássica sobre as mulheres, e também sobre o gênero crônica.

Esta monografia está organizada em cinco capítulos, compostos por esta *Introdução*, pela *Fundamentação Teórica* relacionada ao tema deste trabalho, aplicada na *Análise de Dados*, bem como as *Considerações Finais*, seguidas das referências utilizadas.

2. O GÊNERO LITERÁRIO CRÔNICA

A crônica é um gênero que tem sua origem baseada na história do mito clássico grego de Cronos, que originou a partir do seu nome a palavra grega *Chronos*, e se constituiu enquanto palavra significando “tempo”. Com o desenvolver da história, podemos perceber que houve uma variação do termo etimológico passando a ter outras variantes de significado, sem nunca deixar de referenciar-se ao seu sentido original. A expressão “crônica” passou a ter dois sentidos comuns estabelecidos na nossa sociedade, o primeiro de sentido tradicional: em que registra o passado e os fatos na ordem em que ocorreram; e o segundo de sentido moderno: enfocam os fatos do dia a dia.

Surgiu enquanto narrativa, já na Idade Média, mas com o Humanismo o termo foi sendo utilizado historicamente em Portugal (1418), quando o cronista-mor Fernão Lopes teria que realizar o registro dos feitos do reino português, ou seja, os registros seriam as “crônicas”. A importância do aparecimento da crônica foi tanta na história, que originou o profissional cronista, conforme LAURITO (1993, p. 12) afirma:

A data de 1434 é um marco não só para a História como para a Literatura Portuguesa. E também para o gênero crônica: o cronista- que já vinha desde a Idade Média- passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica, matéria essa que deverá, de agora em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário, que se imiscuíam nos longos “cronicões” medievais, para ater-se aos fatos e à interpretação desses fatos.

Esse gênero, paralelamente ao desenvolvimento da imprensa, ambos em pleno século XIX, se constituiu quando passou a fazer parte dos jornais. Apareceu pela primeira vez em 1799 no *Journal des Débats*, publicado em Paris. A crônica literária, surgida a partir do folhetim, na França, tomou características próprias no Brasil. Segundo SANT'ANNA (2006, p.204):

No Brasil, a crônica é um gênero autônomo, maduro, independente. Em outras línguas, há até dificuldades de se traduzir “crônica” e “cronista”, porque aqui esses termos têm um sentido próprio. Depois dos anos 60, nos anos 90 houve um reflorescimento da crônica.

Outros autores de crítica literária corroboram a afirmação de Sant' Anna. Entre eles destaca-se o argumento de Antônio Cândido (1993), que defende as razões pelas quais o

gênero crônica tornou-se tão peculiar em nosso país, de uma forma original e específica, quando afirma:

No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia- políticas, sociais, artísticas, literárias. (CANDIDO, 1993, p. 24)

Como podemos observar esse tipo de prosa teve seu surgimento a partir dos grandes folhetins que eram publicados nos meios de comunicação da época, nesse caso, o jornal, e assim se constituiu enquanto um importante gênero para o meio jornalístico e a sociedade. Nesse sentido entendemos que, embora a origem da crônica não seja brasileira, essa peculiaridade falada anteriormente se dá nos modos de apreensão e produção desse gênero literário nas suas versões desenvolvidas nacionalmente.

Esse gênero tão híbrido é composto por um conjunto de características que o tornam próprio, entre elas por ser uma narrativa curta, crítica ou reflexiva, temporal, apresentar fatos do cotidiano, com uma linguagem simples, direta, espontânea que estabelece uma ponte entre linguagem oral e literária, e com muitas outras características marcantes.

Assim define o crítico Cândido (*apud* BARROS; ALMEIDA, 2002, p.49) a respeito dessa questão literária do que a crônica vem tratar:

A crônica é um gênero literário que geralmente tem como matéria-prima o fato circunstancial do dia a dia, acontecimento este que transforma-se em texto de sabor leve e de fácil digestão, e escrito, a princípio, para ser publicado em jornais. Apesar da leveza da crônica, ela faz as pessoas refletirem sobre seu cotidiano. Por escrever de uma posição rasteira (no sentido de estar próximo às coisas que acontecem na vida simples das pessoas comuns), o cronista consegue aproximar a literatura do dia a dia.

Então, a crônica perpassa no jornalismo e depois na literatura, para BARROS e ALMEIDA (2002, p. 49):

Certas características do suporte original da crônica, como a pronta assimilação do conteúdo, a limitação do espaço, a pouca densidade do texto, acabam impregnando no gênero. Assim como a notícia de jornal que a motivou, a crônica não se pretende perene, duradoura. Se isto acontece, é porque alguns textos foram selecionados e transferidos para o livro. Apesar de não ter essa pretensão, quando a crônica é escrita por um cronista de grande quilate, ela tende a eternizar-se como texto literário de qualidade.

Diante de todas essas características, essa forma literária possui diversas considerações acerca do grau de sua importância dentro dos estudos de nossa Literatura, ocorrendo de acordo com o posicionamento de cada estudioso crítico, logo mais adiante.

Segundo Portella (2002, p.225) afirma que:

A crônica de jornal mesmo que progressivamente consolidada jamais conseguiu evitar os preconceitos da teoria literária opulenta e predatória, toda interessada em dividir o trabalho da linguagem em gêneros maiores e espécies menores.

Assim, com essa afirmação, temos que por mais que a crônica tenha se consolidado no jornal, não deixou de sofrer preconceitos, pois a teoria literária estava mais preocupada em uma “classificação” da mesma, do que analisar. Em que não era a real preocupação dela, ao contrário, queria se tornar “inclassificável”.

Tudo isso começou com a discussão que o crítico literário Moisés fez a respeito do que vem a ser a crônica enquanto um “gênero maior” ou “gênero menor”, ele afirma que:

Fora daí, a crônica vai envelhecendo, mesmo quando enfeitada em livro, à medida que o evento determinante se distancia no tempo, tragado por outras ocorrências igualmente rumorosas e passíveis de gerar equivalentes crônicas. De onde a sensação de se tratar, em última instância e não obstante os seus talentos cultores, de um produto literário menor, comparativamente à poesia, ao conto, à novela, ao romance e ao teatro. (MOISÉS, 2004, p.111)

Observamos que diferente do que é afirmado, a crônica não vai envelhecendo, se perdendo no tempo, e não deve ser comparada aos outros gêneros. Compartilhando da mesma opinião de Moisés, temos Cândido (1993, p.23):

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

Vemos uma hierarquização, em que a crônica é considerada como um gênero menor, e, portanto, não se compara aos outros gêneros, e o cronista é menor do que os grandes romancistas, dramaturgos e poetas, ou seja, por melhor que fosse, não seria valorizado e reconhecido a ponto de ganhar importantes prêmios, por sua excelência de escritor.

Diferentemente, temos o posicionamento do crítico SANT'ANNA (2006, p.201):

E se alguém me perguntar se a crônica é um “gênero menor” responderei com nomes que a transformaram em gênero maior, como Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos.

Com essa afirmação, o crítico vem mostrar, por mais que a crônica seja um gênero menor como os outros críticos afirmaram acima, discorda e a considera como um gênero maior, citando grandes cronistas, que podiam ter de destacado em outras formas de narrar, mas se destacaram nesse gênero literário, e elevaram a condição da crônica, tornando importante dentro dos estudos de Literatura.

Assim, toda essa problemática se dá devido ao fato como podemos observar no posicionamento dos críticos, em tratar a crônica como um “gênero menor” ou “gênero maior”, mostrando que para alguns críticos, ela é relevante e para outros o mesmo não ocorre, pois são ideias opostas de vê-la. Não devemos tratar a mesma, sob a relação com a estrutura ou tamanho, em ser menor ou maior, e sim em menor e maior, com relação à crônica ser um gênero rasteiro, ou seja, próximo ao cotidiano das pessoas, em sua simplicidade se torna menor ou maior de acordo com cada leitor.

Há várias opiniões divergentes sobre o grau de importância do gênero, mas o que não devemos deixar de considerar é que essa narrativa é de fundamental importância para o nosso estudo ao longo desse trabalho de pesquisa, pois é ao mesmo tempo um gênero antigo, mas que se tornou também algo de estudo tão contemporâneo, e que não deve ser deixado de lado ou sofrer preconceito.

O gênero narrativo: crônica, como podemos observar abrange um longo percurso histórico, teve início, no Brasil, com a carta de Pero Vaz de Caminha a El- Rei D. Manuel, e vem passando ao longo do tempo, e chegando aos nossos tempos modernos.

Com isso, essa narrativa por mais que tenha uma ordem cronológica extensa, não perdeu as características próprias que a configuram enquanto um importante objeto de estudo, e continua chamando a atenção dos diversos leitores que a veem como próxima de sua realidade.

Assim, várias definições são dadas ao que vem a ser crônica, desde os autores mais clássicos até os mais modernos de nossa literatura. Como podemos perceber para SABINO (1965, *apud* GALVANI, 2005, p.24), “busca do pitoresco e do irrisório no cotidiano de cada um”. Ou ainda, nas palavras do cronista ASSIS BRASIL (2004, *apud* GALVANI, 2005, p.24), “É preciso levar em conta o conceito desse gênero: a palavra vem de Crono, tempo,

mas não é apenas ao tempo que se refere. A crônica se dispersa por espaços, pessoas, circunstâncias, episódios, ideologias, reflexões várias, significando a opinião de seu autor”.

De acordo com tais afirmações, vemos que essa nova forma de narrar é imbricada nas veias dos fatos mais banais e comuns que passam despercebidas aos olhos humanos, e que são, não somente marcadas pelo tempo, mas sim de outros múltiplos componentes que auxiliam na construção do cronista que conta essas situações cotidianas.

Essas opiniões desses grandes nomes de nossa literatura permitem que tenhamos um olhar atento de como houve uma evolução desse tipo de narrativa, que antes tínhamos uma definição e um modo de configuração tão restrito e supérfluo e agora nos dias atuais se revela de uma maneira ampla e profunda.

Esse fato pode ser observado assim claramente nas palavras ditas segundo Galvani (2005, p.18):

No início, definida pela necessidade dos governantes de fazerem narrar seus feitos sob sua visão ou para estabelecer, melhorar ou pelo menos projetar a sua imagem, a crônica soltou-se aos poucos das amarras oficiais e iniciou seu vôo próprio, carregando a interpretação do cronista, tornando a sua visão pessoal predominante e, com os meios modernos, emancipando-se a ponto de se tornar a mais legítima representação da liberdade de opinião. Dependeu, às vezes, especialmente nos períodos de censura oficial, da habilidade do próprio cronista. Não são poucos os casos em que isso se torna uma difícil carga a ser suportada.

Quando a crônica se moldou no início era de forma acanhada e extremamente histórica, oficial e projetista do cronista que a escrevia, e aos poucos vai se modificando e tomando novas perspectivas de ser analisada, de cunho mais livre, mas continuava de tom subjetivo. Mesmo passando por processos sócio-históricos tensos, a capacidade de nossa crônica se remodelar, reinventar e recriar foram enormes, permitiu que ela fosse algo tão substancial e necessário enquanto objeto de estudo ao longo dessa pesquisa, pois ainda segundo Galvani (op.cit., p.18):

É assim que a encontramos hoje, distanciada muitas vezes até das posições da empresa, que, por acaso, a veicule. Algumas são mais, outras são menos liberais, e/ou estão cristalizadas no sacrário das individualidades em meio à tempestade corrosiva dos feitos e efeitos da vida comum.

Percebemos então que houve um distanciamento da crônica em nossos dias atuais, de acordo com o suporte que a mesma é publicada, não dependendo mais totalmente de serem emitidos ou não juízos de valor do mesmo, e temos assim um progresso, em que vai se

tornando cada vez mais autônoma, e nos dando uma visão panorâmica e reflexiva de como ela deve ser escrita e lida.

Assim, transformações ocorreram no passado, continuam no presente, e permanecerão no futuro, esse gênero que está presente nos meios acadêmicos e que faz com que escritores e escritoras sejam conhecidos e tenham seus textos divulgados e reconhecidos por nossa sociedade, independentemente do tempo, que seja um escrito literário ou um leitor degustando o sabor das palavras da literatura.

A crônica tem uma habilidade de perpassar nos múltiplos temas, desde os mais simples até os mais complexos, elas são escritas sobre assuntos não específicos, ou seja, de forma mais ampla, e temos também o inverso, sendo específicos sobre um determinado assunto ou conteúdo, ou seja, de forma mais restrita. É o que acontece desde o início da nossa narrativa até os dias atuais.

Houve uma grande evolução da crônica, e à medida que o tempo foi passando, a necessidade de buscar configurá-la foi sendo construída. Teve começo com as notas de rodapé, ainda segundo Galvani (2005, p.34) que afirma que:

Houve e digno de registro, durante muito tempo, o “rodapé” que, como o nome indica, significava um espaço na metade inferior da página. Artigos políticos ou literários, análises críticas, durante muito tempo apareceram ali preferencialmente. Hoje, com a mudança nos projetos gráficos, não se distinguem desta forma.

Essas notas de rodapé eram encontradas nos *folhetins*, de acordo com Sá (2008, p.8) afirma que:

Era apenas uma seção quase que informativa, um rodapé onde eram publicados pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo, enfim, que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana, recebendo o nome de *folhetim*.

Com tais afirmações, observa-se que o marco inicial de nossa crônica, foi a sua presença limitada e pouco notória em um espaço curto, em que era narrado de forma resumida esse cotidiano da sociedade que vivia naquele século XIX. E que se configura como uma importante representação dos meios jornalísticos vigentes no tempo, a presença ilustre dos nossos encantados *folhetins*.

Durante muito tempo eles estiveram dominando o espaço da narrativa, mas com a constante necessidade de modernizar a criação literária, inúmeras configurações ocorreram até chegarmos à nossa crônica atual.

Esse tipo de narrativa que perpassa entre a literatura e o jornalismo é estabelecida atualmente em uma nova configuração, segundo Galvani (2005, p.35), “Há aquela crônica, puramente jornalística, conhecida como “coluna”, fruto da origem gráfica, que ocupa uma “coluna” do jornal, garantindo para seu autor a denominação de “colunista”, nem espaço que se repete cotidianamente ou com frequência conhecida, estabelecendo assim sua periodicidade”.

Então, apesar das configurações antigas e novas serem de formatos distintos, a crônica continua no viés jornalístico, e possuindo uma localização privilegiada, pois esse gênero que possui características que o tornam pertencentes ao mundo da literatura, e que tem muito para ser discutido em estudos, pois ela assume o papel no jornal de transitoriedade, ou seja, efêmero, passageiro, e assim tendo uma aparência simples, exercida pela força da linguagem, em que possui construções de sintaxe soltas, próprias de um cronista que precisa ser ágil e lidar com os acontecimentos do cotidiano que são tão rápidos nesse mundo globalizado que estamos inseridos, faz com que se insira profundamente nesse espaço e que a sua primeira casa, seja de fato: o jornal.

Depois que ela se materializa nesse importante suporte, a crônica com sua forma simples de ser escrita, porém não significa que não possua uma boa qualidade, isso não quer dizer que o cronista desconheça de artimanhas artísticas, segundo Sá (2008, p.10):

(e a crônica também é literatura), pois o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para depreender, terá que explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo.

Esse gênero tão marcado por um coloquialismo e um dialogismo entre o cronista e o leitor, que tem uma capacidade de ser transformada em algo maior, segundo Sá (op.cit., p.11):

Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo *que também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe desenvolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias.

Assim, a crônica deixa de pertencer somente ao jornal, e ganha novos caminhos e ares, chegando à sua segunda casa, que é o livro, no qual por meio desse lirismo vai se eternizar

nas suas páginas. É nesse novo suporte, que a leitura se torna mais rica e ampla, abrindo múltiplas interpretações para o leitor. Segundo Sá (op.cit., p.86):

Assim, quando a crônica passa do jornal para o livro, amplia-se a mágica do texto, permitindo ao leitor dialogar com o cronista de forma bem mais intensa, ambos agora mais cúmplices no solitário ato de reinventar o mundo pelas vias da literatura.

A afirmação de nosso cronista mostra-nos que o lirismo, representado por essa mágica instantânea, abre um canal mais íntimo entre cronista e leitor. Sendo necessário dentro da criação literária, que tenhamos envolvido esse processo de construção do texto literário.

Nesse lirismo todo, é que a crônica ficou conhecida em nosso Brasil como um gênero de “exclusividade brasileira”, ou seja, um abasileiramento do gênero, devemos chamar a atenção, que essa compreensão, deve ser analisado detalhadamente, como podemos observar nas opiniões divergentes sobre o assunto, segundo Sá (2008,p.7):

A literatura brasileira passou por várias etapas, percorrendo os caminhos de um processo que procurava, como ponto principal, alcançar o abasileiramento das nossas letras. Seja pela linguagem, pela sintaxe, pela variedade de poéticas, ou principalmente pela dessacralização dos temas sagrados e consagrados, a literatura conseguiu encontrar-se com a sua inimiga tradicional: a vida mundana.

Ou ainda, os que defendem a opinião de que existe uma pretensão brasileira que o reivindica como “quase uma exclusividade”, como se vê nas palavras de Galvani (2005, p. 39), “Fale-se então agora, não de uma exclusividade brasileira que, como se viu não é atestada pela realidade, mas uma especialidade que por cá viceja e se propaga. O culto do individualismo transforma esta meta numa espécie de eldorado intelectual.”

Então, temos dois polos de ideia de poder da crônica, a exclusividade, essa que como se sabe não é só no Brasil que se escreve crônica e possui importantes nomes nessa narrativa, mas também em outros países já tem tradição delas, de outro lado temos a especificidade, ou seja, cada país tem o seu jeito particular de escrever, de acordo com a realidade que está vivenciando, e isso não é diferente do brasileiro.

Nessa dualidade existente em considerar esse gênero tão particular de um determinado país, é que a crônica se sobressai, e mostra de fato o que ela vem propor para a nossa sociedade, não importa o tempo, o assunto, se é um gênero menor ou maior, se é exclusivo ou

não, se é crônica aqui e em outro lugar não é, se é no jornal ou livro, o que realmente importa é que seja difundida para todos os amantes de uma boa literatura.

Portanto, Crônica nada mais é, do que transpassar os limites das coisas mais banais da vida, e se envolver em um mergulho profundo da criação da existência humana.

3. A MULHER NA CRÍTICA LITERÁRIA

A Crítica feminista e a autoria feminina são também subsídios teóricos para fundamentar nossa pesquisa. A mulher vem se tornando elemento de estudo em várias ciências, e não poderia ser diferente nos estudos de Literatura e de Crítica Literária.

Todo esse percurso histórico tem origem com o “pensamento feminista”, desde as sociedades antigas. O papel da mulher veio se modificando ao longo do tempo, e existiram na história inúmeras formas de feminismo, que se estendem até os feminismos contemporâneos.

Na década de 1960, com o desenvolvimento do movimento feminista, que estava presente no ato das mulheres saírem às ruas pela reivindicação dos direitos humanos femininos, temos toda uma expressão popular de busca da liberdade. Segundo Zolin (2009, p.217):

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nus as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos humanos.

Por volta da década de 1970, o movimento feminista sai das ruas e passa a fazer parte também do mundo acadêmico, ao assumir um cunho mais científico, por se tratar de estudiosos e pesquisadores da área, que era a Teoria feminista, da qual faz parte a crítica literária feminista, que muito contribuiu para a literatura ao abordar o papel da mulher na sociedade.

A crítica feminista é uma vertente da crítica literária, que tem como objetivo trabalhar no sentido de desconstruir a hierarquia estabelecida entre homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, abolindo as relações binárias.

A história do movimento feminista foi dividida em “ondas”, segundo Krollokke (2005, p.24):

Feministas e acadêmicos dividiram a história do movimento em três "ondas". A primeira onda se refere ao sufrágio feminino, movimentos do século XIX e início do XX preocupados principalmente com o direito da mulher ao voto. A segunda onda se refere às ideias e ações associadas com os movimentos de liberação feminina iniciados na década de 1960, que lutavam pela igualdade legal e social para as mulheres. A terceira onda seria uma continuação - e, segundo alguns autores, uma reação às suas falhas - da segunda onda, iniciada na década de 1990.

Temos ainda dentro de nossos estudos, as duas tendências da crítica feminista contemporânea, segundo Zolin (2009, p.228):

Eles estão contidos em duas grandes vertentes da crítica feminista: a anglo-americana e a francesa. Ambas estão articuladas em torno de um eixo fundamental, o da investigação e contestação da estrutura patriarcal que sustenta o nosso sistema social.

A ruptura da estrutura patriarcal estabelecida vem sendo feita ao poucos, pois não era admissível na crítica que o mesmo continuasse vigente. Os estudos sobre a mulher não param ao longo da história, e na década de 1980, diferentemente da crítica feminista que via o apenas o conceito “mulher” (dado biológico), agora temos o conceito de “gênero” (dado cultural), que pode abarcar também o masculino, e as diferentes sexualidades, sendo mais ampla a ideia, temos a construção de uma mulher cultural, e não somente política ou social anteriormente discutida, em que a identidade feminina e lugar de diferença foram estabelecidos.

A crítica feminista no Brasil estabelece-se em meados dos anos 1980, mas especificadamente no ano de 1985, no GT Mulher e Literatura, da ANPOLL, em que linhas de pesquisa foram estabelecidas, são elas: “Mulher e Literatura: perspectivas teórico-críticas”; “Representações do feminino no texto literário”; “Literatura e feminismo”, entre outras. Que se baseavam nos enfoques (biológicos, linguísticos, culturais e políticos) existentes, depois a configuração modifica-se, estabelecendo o que temos atualmente: Resgate e inclusão, Teorias e críticas e Representações de gênero na literatura e em outras linguagens.

Com essa configuração estabelecida, é que surgem os questionamentos sobre como a mulher está presente na literatura, e como ela se porta mediante o universo literário. Em relação à problematização que faremos aqui sobre a escrita feminista, segundo Zolin (2009,p. 240):

No entanto, a despeito disso, os escritos de mulheres, assim como aqueles relacionados às minorias étnicas e sexuais e dos segmentos sociais menos favorecidos, são relativamente pouco difundidos nas salas de aula. É como se essas vozes Outras não fossem dignas de figurar nos currículos escolares, inclusive naqueles dos cursos de Letras.

Percebe-se um silenciamento da escrita e voz feminina na Literatura, pois temos toda uma tradição a ser seguida, na qual a representação do homem é mais universal do que a da própria mulher, em que conforme afirma Zolin, se acabam perpetuando o cânone literário,

constituído pelo homem ocidental, heterossexual, branco e de classe média, e, nesse sentido, contribuindo com a exclusão ou silenciamento das vozes Outras.

A questão da autoria feminina contemporânea é bastante problemática, mas que vem mudando gradativamente no cenário nacional do Brasil e internacional ao longo do tempo, e acaba refletindo em uma escrita feminina brasileira contemporânea que é marcada pela subjetividade feminina nas personagens mulheres. Segundo Silva (2011, p. 243):

As personagens mulheres e as narradoras ou vozes narrantes são ou estão todas solícitas àquilo que faz parte da subjetividade das mulheres: o seu universo ainda em construção; os seus medos sendo dissipados; as suas alegrias extrapolando os limites do antes não permitido; a sua escrita fundando mundos; o seu corpo sendo remodelado ao gosto de cada uma; a busca por horizontes de expectativas longe dos desejos e mandos masculinos; a construção de uma outra ordem pautada numa nova consciência para ler e interpretar os sujeitos homens e mulheres dentro de uma base do tratamento igual, mantendo-se as diferenças inerentes a cada um dos gêneros.

Portanto, houve um avanço em nossa literatura, no que diz respeito a não somente termos um cânone literário, em que só homens escreviam, e em seus livros continham diversas vezes a presença de personagens femininas, mas com vozes e discursos masculinos, sendo na maioria dos casos, de teor machista e preconceituoso contra a mulher. Isso acaba mudando, promovendo um discurso diferencial para a escrita feminista, em que agora temos narradoras ou vozes narrantes e personagens mulheres, com um teor feminino de subjetividade.

Sendo bastante relevante para o nosso estudo, toda essa compreensão teórica, pois temos uma escritora Martha Medeiros, que nos dá nas crônicas em estudo, para as personagens mulheres presentes em cada uma delas, toda uma narração marcada por uma voz e discurso feminino, da subjetividade feminina existente, e é exatamente o que vem sendo tratado em nosso objeto de estudo, que é como se configura o cotidiano feminino das crônicas, ou seja, buscar solucionar essa questão em estudo, mas dá uma compreensão e visão mais ampla da construção da mulher nos últimos anos, na qual a mulher tem seu valor na sociedade, e que merece ser tratada igualmente como os homens, respeitando o que cada um dos gêneros tem de diferenças.

Nessa busca contínua e questionadora das relações humanas, em que temos a dualidade: homem e mulher, a crítica feminista vem desempenhando uma importante função dentro da literatura de escrita feminina e fora com questões polêmicas que ainda merecem muito serem debatidas em nossa sociedade do século XXI.

Os estudos sobre crítica feminista não são recentes, apesar de terem um maior impacto nos últimos dois ou três séculos, muito foi discutido por grandes nomes desse movimento, e continua em destaque e sendo considerada uma “febre” por estudiosos e pessoas que se interessam por esse universo em nosso século atual. O tempo passou, e ela continuou evoluindo, mas os seus princípios ideológicos permanecem cada vez mais consolidados e enraizados nas tradições que originaram toda essa corrente de nossa crítica literária.

A história do movimento feminista, como vimos foi dividida em três grandes ondas, na qual em cada uma delas foi estabelecida em uma luta social, cultural, política e econômica, e a representação da mulher foi se modificando ao longo do tempo, o que faz com que a mulher do passado permaneça ou tenha mudado de acordo com as conquistas e lutas em processo. Nesse processo histórico-literário intenso, o que deve ser considerado é o “efeito” que o movimento causa, como vemos segundo ZOLIN (2009, p.217):

Mais importantes do que as polêmicas geradas a partir do movimento feminista são os efeitos provocados por ele em seus diferentes momentos. Um desses efeitos, e é o que nos interessa neste capítulo, está ligado a um dos diversos instrumentos de que dispomos hoje para ler e interpretar o texto literário: a crítica feminista.

Há de se observar que andam paralelamente a literatura e a mulher, e são indissociáveis para a subversão do cotidiano feminino abordado em nosso estudo, a representação feminina e a posição social que a mulher exercia na sociedade, desde a sociedade antiga, passando na medieval e posteriormente na moderna.

Para que a identidade feminina fosse formada, pois era marcada de estereótipos negativos, houve várias rupturas do sistema patriarcal que perpassou durante alguns séculos. A construção feminina era de uma mulher “subjugada” que vivia sempre em segundo lugar, sendo “submissa” ao poder de um homem, pois o cotidiano feminino existente era de um rígido patriarcalismo.

A relação entre sexo e o poder dava todo o norteamento para que decisões fossem tomadas nos mais diversos aspectos de nossa sociedade, segundo ALVES & PITANGUY (1985,p.8):

Ao afirmar que o sexo é político, pois contém também ele relações de poder, o feminismo rompe com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade ao espaço individual e que definem como *política* unicamente a esfera pública, “objetiva”. Desta forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da

consciência, revela os laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública.

Com isso, os homens eram considerados “superiores” sobre as mulheres, pois detinham de todo o poder político da época, na esfera da organização política pública eram quem tinham vez e voz nas discussões existentes, enquanto isso tinha o papel feminino que era excluído desse contexto, o âmbito familiar, o que era considerado satisfatório e obrigatório, sendo preconceituoso e excludente esse posicionamento, que não considerava o intelectual feminino, e sim as múltiplas habilidades domésticas. Segundo Zolin (2009, p.220) comenta como se deu essa condição da mulher na Inglaterra, na Era Vitoriana:

Resulta disso que a mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa.

Assim temos uma opressão constante, pois como sabemos que quem detém o saber, tem o poder, e como às mulheres era negado esse direito, cabia a elas, o papel de ser uma típica “dona do lar”, cuidando dessa maneira do marido e dos filhos, e elas não podiam reivindicar seus direitos sociais e políticos, pois estariam sendo contra ao que haviam sido destinadas a cumprir divinamente.

O feminismo foi se difundindo, pois essa visão preconceituosa era vivenciada não só na Inglaterra, mas ao redor do mundo. A representação da mulher era de “minoría”, portanto conflitante, nas palavras de ALVES&PITANGUY (1985, p.54):

A partir da década de 60, o feminismo incorpora portanto outras frentes de luta pois, além de reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos – políticos ,trabalhistas, civis - , questiona também as raízes culturais destas desigualdades.

Depois de diversas lutas travadas, marcada de conquistas e derrotas, o papel feminino é modificado, grupos de reflexão são criados para dar suporte e incentivo às mulheres, ainda segundo ALVES&PITANGUY (op.cit, p.73):

Uma das frentes de luta do feminismo no Brasil tem sido também a denúncia da desvalorização da mulher, manifesta nas mais variadas expressões da nossa cultura. A violência física de que é vitima frequente a mulher, atualiza da forma mais evidente esta desvalorização.

Tudo isso reflete na construção da mulher e a ficção, que teve um longo percurso histórico-literário, segundo ZOLIN (2009,p.221):

Como consequência dessa primeira onda do feminismo, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão, até então, eminentemente masculina; mesmo que para isso tenham tido que se valer de pseudônimos masculinos para escapar às prováveis retaliações a seus romances, motivadas por esse “detalhe” referente à autoria.

Portanto, na busca de se consolidar a profissão de escritora, como um marco na história da literatura e das mulheres, é que temos a visão de uma importante feminista no assunto, segundo a tese defendida em “Um teto todo seu”, Virgínia WOOLF (2014, p.12) afirma que:

Tudo o que eu poderia fazer seria dar-lhes minha opinião sob um ponto de vista mais singelo: uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção.

Nesse processo de escrita, vemos que para escrever ficção ou poesia de qualidade a mulher necessita de “um teto todo seu” em que possa trabalhar em paz e de uma renda anual capaz de lhe garantir independência. O que muito se distancia da forma que as mulheres escreviam em séculos passados, agora essa mulher escritora tem uma relação de “autonomia”, ficando mais livre no ato de “criação”. Mas isso não serve para explicar a grande questão que é o gênero e ficção, ou seja, suas naturezas.

Observa-se, que escrever literatura também é um ofício do cotidiano feminino, em que as mulheres devem participar efetivamente da crítica literária, e o movimento feminista muito tem a acrescentar e contribuir para que nossos estudos avancem.

Nesse processo de autoria e escrita feminina, muito se vem avançando, a identidade feminina pouco a pouco vem transformando seu lugar, e a literatura vêm deixando de ser apenas de escritores do grande cânone literário, que escreviam sobre as mulheres e passa a ser também de mulheres que escrevem para mulheres. A “ruptura” dos clássicos literários acontece, não deixa de existir, mas passa agora a ter que dividir espaço com um novo “diferencial”, o mundo da escrita da mulher.

Antes, as mulheres não podiam expressar seus sentimentos e pensamentos, pois como se sabe eram excluídas da vida pública. Com o passar do tempo, elas começam devagar

escrevendo em jornais, mas para não terem suas identidades reveladas, se utilizavam de nomes masculinos. E depois de várias lutas sócio históricas é que surgem os primeiros nomes no mundo e no Brasil, até chegar hoje que temos uma infinidade de autoras.

Tudo tem início, a partir do século XIX, quando as mulheres não eram reconhecidas por suas publicações, sendo assim excluídas dessa prática social. Para ALVES (1998 *apud* MAZZONI, s/d, p.4):

Atualmente, com o resgate de muitas dessas autoras, que publicaram em livros ou em periódicos da época e que ficaram perdidas no tempo, percebe-se que a exclusão não se deve à má qualidade de seus textos, mas, porque, elas têm uma produção variada e desviante do paradigma eleito pela literatura em tempos do positivismo. A maior parte delas vão contra a corrente dominante e de alguma maneira, conscientes ou não da representação da mulher no código oficial da literatura, questionam quando não desconstruem esta mesma representação.

Como se observa, existia uma lista de critérios para se pertencer ao cânone, que por mais os textos literários fossem adequados, a forma de expressar seus escritos, acabava confrontando a ideologia presente, e com isso eram “marginalizadas”. Ainda ALVES (1998 *apud* MAZZONI, s/d, p.4):

Excluída da órbita da criação, coube à mulher o papel secundário da reprodução. Essa tradição de criatividade androcêntrica que perpassa nossas histórias literárias assumiu o paradigma masculino de criação e, concomitantemente, a experiência masculina como paradigma da existência humana nos sistemas simbólicos de representação. Na medida em que esse paradigma adquiriu um caráter de universalidade, a diferença da experiência feminina foi neutralizada e sua representação subtraída de importância por não poder ser contextualizado dentro de sistemas de legitimidade que privilegiavam as chamadas ‘verdades humanas universais e por não atingir o patamar de ‘excelência’ exigido por critérios de valoração estética subentendidos na expressão (pouco clara, por sinal) ‘valor estético intrínseco’, vigente no discurso teórico-crítico da literatura.

Essa escrita não era valorizada por não apresentar “excelência”, assim as escritas femininas não eram divulgadas. Segundo MAZZONI (s/d, p.5):

A dificuldade na aceitação ou na leitura dos textos de autoria feminina existe porque esta leitura requer uma certa apropriação de operadores a fim de não cairmos nas armadilhas proporcionadas pelos hábitos adquiridos com as teorias literárias fundadas no discurso hegemônico moderno. A estes operadores dá-se o nome de *leitura de gênero, literatura feminista*, ou qualquer nome que se deseja dar a uma teoria que se aproxime do discurso que inclua a mulher como sujeito de sua própria história. Acrescentem-se

aos operadores as ferramentas necessárias no auxílio à compreensão da leitura de autoria feminina, como identificar a questão da linguagem, do tema, do tratamento à sociedade etc.

As palavras da autora abordam que às vezes tem se uma dificuldade de ler a autoria feminina porque não passamos ainda a um “novo olhar”, quando conseguirmos fazer isso, mais fácil e rápida será a interpretação e compreensão do texto literário. Para as mulheres que escreviam limitadas, ainda em MAZZONI (op.cit., p.5):

Ao fazer um mapeamento dessa estratégia, reportamos ao século XIX, quando as autoras só podiam falar da natureza e do amor se o destinatário fosse o seu pretendente; no século XX essas regras serão rompidas a partir dos anos 30, embora elas ainda tenham que falar do amor e do desejo, utilizando-se da natureza para referir-se a esses sentimentos. Nos anos 40, mesmo sob a égide da censura, a poeta começa a libertar-se desse controle, podendo, inclusive, expressar-se de forma mais explicitamente sensual, a exemplo de Jacinta Passos. Entrando pelos anos de 1950 e 1960 e auxiliadas pela segunda onda feminista (lutas pelos direitos sociais e iguais), poetas como Myriam Fraga, escritoras como Nélida Piñon e Ana Cristina César assumem uma linguagem mais liberada ao falar de sentimentos, desejos e erotismo, bem como explicitam a “condição da mulher” dentro desta sociedade.

As mulheres, nos anos seguintes, vão ficando cada vez mais conhecidas, os tempos se modificam, surgem com mais força as vozes femininas. Nomes como Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, Lúcia Fagundes Telles aparecem, até chegar às escritoras exponenciais do século XXI, que são: J.K. Rowling, Stephenie Meyer, Martha Medeiros, Thalita Rebouças. Um aspecto bastante relevante é sobre essa visão preconceituosa sobre a autoria feminina, segundo COLASANTI (2004,p. 70-71):

Ora, as escritoras estão perfeitamente conscientes de que ainda hoje um preconceito pesado tende a colorir de rosa qualquer obra de literatura feminina. Apesar da onda dos anos sessenta que envolveu os escritos das mulheres em um grande e esperançoso movimento, não conseguimos vencer a barreira. O preconceito perdura. Pesquisas mostram que basta a palavra *mulher* em um título para espantar os leitores homens e abrandar o entusiasmo dos críticos. E embora não precisemos mais nos esconder atrás de pseudônimos masculinos, como no século XIX, sabemos que os leitores abordam um livro de maneira diferente quando ele é escrito por uma mulher ou por um homem.

Com essa afirmação, vemos que essa visão estereotipada ainda prevalecia nos séculos passados, e diminuiu um pouco atualmente, e como os leitores têm diferentes reações quando

veem que são escritos por homens e mulheres. Ainda de acordo com COLASANTI (op.cit, p.73):

Em primeiro lugar, o poder literário. As mulheres não são apenas as que mais lêem, são também as que mais compram livros escritos por mulheres. E o número de escritoras- que indubitavelmente escrevem tão bem quanto os escritores – vem crescendo no mundo inteiro. O preconceito tem conseguido manter a maior parte desse contingente feminino no segundo escalão. Não é difícil perceber que, uma vez removido o preconceito, haveria um considerável avanço feminino no universo literário, com decorrente ocupação de parte daquele espaço mais conceituado que os homens, consciente ou inconscientemente, consideram sua propriedade.

Esse avanço feminino só irá ocorrer quando o preconceito acabar, assim os homens dividirão lado a lado com as mulheres, o mundo das letras. A autora defende, como também esse trabalho, que deve haver uma aceitação, em COLASANTI (op.cit, p. 75): “Trocando em miúdos: aceitando a literatura feminina, a sociedade estaria aceitando aquele modelo de mulher que ela própria tanto nega, e que com tanto esforço estamos tentando impor.”

A crítica feminista e a escrita feminina estão totalmente interligadas, e existe sim uma escrita feminina, que possui um conjunto de características bem particular pelas escritoras, que devem ser valorizadas e reconhecidas por toda a sociedade, na “transgressão” de se escrever. Sobre o fato de ser autora, assim como tantas outras espalhadas por ai, a estudiosa COLASANTI (op.cit, p. 77) defende o ser escritora:

E o que sinto em mim, quando diante do computador busco a essência do homem, a essência profunda, do animal e da pedra, que me permitirá escrevê-los, o que sinto, intensamente, é que eu a procuro dentro de mim, através de mim, através da minha própria, mais profunda, essência. É que essa é, antes de mais nada, uma essência de mulher.

Portanto, ser na essência uma mulher escritora. Todo esse arcabouço teórico irá nos auxiliar na análise de dados, que faremos logo mais adiante.

4. ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Realizando um estudo mais detalhado e profundo sobre como o cotidiano feminino está configurado, é que a análise de dados deste trabalho será formada em três partes. Na primeira parte desta análise, o foco será analisar a concepção de casamento presente na crônica “Casamento Aberto”, sob uma perspectiva feminista. Já na segunda parte da análise o foco está voltado para identificar os elementos narrativos da crônica “O cara do outro lado da rua” que revelem um ponto de vista atual sobre relacionamentos amorosos. E por fim, na terceira parte de nossa análise, está voltado para analisar a relação de ambiguidade construída sobre os perfis femininos na crônica “Doidas e Santas”.

4.1 “Casamento aberto”: reavaliar a importância dada ao casamento tradicional na vida das mulheres

A instituição social do casamento está presente na sociedade desde os tempos das sagradas escrituras, ela é estabelecida segundo ideologias e princípios morais e éticos de acordo com o que cada indivíduo num dado contexto sócio-histórico acredita e julga ser adequado e coerente ao seu modo de viver. É uma importante fase em uma relação entre casais, assim como uma parte acredita nessa ideia estabelecida, outros acreditam que não passa de uma mera “convenção” imposta e criada pela sociedade.

E é assim que o casamento adentra o universo feminino, existem mulheres tradicionais, que têm uma visão bem utópica e idealizadora de como estarão inseridas em um “casamento perfeito e feliz”, sendo construído todo um modo de se viver, que caso venha ser diferente, é “inadequado” e “marginalizado” pela sociedade. E há as mulheres inovadoras, que possuem um modo de pensar distinto, com o seu tom bastante particular e criativo, o vêem como maneira mais liberal de se constituir um lar e uma família, sendo “livres” de certos costumes e regras rígidas que foram criadas, mas isso não quer dizer que apesar de concordarem “parcialmente”, e não totalmente com as mulheres tradicionais, deixem de lado certos valores e normas, desse marco nas suas vidas afetivas.

Então, baseada em experiências diversas sobre o casamento, é que a cronista Martha Medeiros, escreve a nossa crônica de análise, datada do dia 16 de outubro de 2005, enquanto

texto literário que é, apresenta quanto a sua estrutura composicional, um tipo de crônica mais argumentativa, com uma defesa de opinião, ou seja, um ponto de vista bastante expressivo, para ser questionado por ser tão polêmico para a vida feminina e a sociedade em que ela está inserida.

A crônica argumentativa consiste em um tipo mais moderno de crônica, no qual a cronista expressa o seu ponto de vista em relação a uma problemática da sociedade. Neste caso específico, na crônica intitulada “Casamento aberto”, a ironia e o sarcasmo são frequentemente usados como instrumento para transmitir uma opinião e abordar um determinado assunto.

Aliado a essa denominação, temos um estilo peculiar e imbricado por uma linguagem típica desse gênero que é simples e direta, observamos que assim temos nessa narrativa, um tom suave, mas com uma forte argumentação, que junto com a temática, constitui enquanto o todo de nosso gênero.

Em relação à temática, que é, num sentido mais amplo, o Amor, esse sentimento presente na existência humana, capaz de provocar no mais íntimo dos seres algo tão profundo e grandioso, causando nas relações sociais suas alegrias e desilusões; e mais especificadamente, o casamento, observa-se que perpassa ao longo do tempo, pois é dentre os dilemas da vida cotidiana, um fato importante do mundo dos adultos.

Aliás, aliada a essa concepção de casamento, vamos analisar de uma perspectiva feminista, que muito tem a nos contribuir, pois fala de um cotidiano feminino, que possui toda uma ótica de gestos, falas, atitudes, ideias, comportamentos, etc; distintos do que é muitas vezes, em que é visto de um olhar masculino errôneo e preconceituoso.

O Casamento é um compromisso sério, assumido entre homens e mulheres, existindo independentemente de raça, credo, costumes, hábitos, localidade, idade, entre outros, desse sujeito que acredita e almeja a tão sonhada felicidade própria, e que encontra nos laços conjugais a obtenção do seu sucesso. Nessa busca de realização desse importante momento, que se torna um fenômeno na vida de todos que culminam desse episódio, logo é realizado essa “tradição” pela união de duas pessoas, e pode seguir os moldes tradicionais ou inovadores. Nas palavras a seguir, vemos como é o conceito de casamento e sua etimologia:

A verdade é só uma. Após a fase de namoro, paixão, amor e noivado, todos almejamos o casamento (ou matrimônio), frequentemente iniciado pela celebração de uma boda, que pode ser oficiada por um ministro religioso (padre, rabino, pastor, etc.), por um oficial do registro civil (normalmente juiz de casamentos) ou por um indivíduo que goza da confiança das duas pessoas que pretendem se unirem. Cria-se um vínculo estabelecido entre

duas pessoas de sexos diferentes. As pessoas casam-se por várias razões, mas normalmente o faz para dar visibilidade à sua relação afetiva, para buscar estabilidade econômica e social, para formar família, procriar e educar seus filhos e legitimar o relacionamento sexual. Na etimologia a palavra casamento é derivada de “casa”, enquanto que matrimônio tem origem no radical mater (“mãe”) seguindo o mesmo modelo lexical de “patrimônio”. (FIGUEIRA, 2008)

Pelo que foi dito acima, esse conceito estabelecido, serve para a maioria das pessoas, mas como se sabe, para toda regra existe uma exceção, e nesse caso, não é diferente, ou seja, há uma exceção, e que não são “todos” como se abordou. Pois, nem todo mundo quer casar, e almeja essa instituição social em suas vidas, sendo livres das “convenções”.

E ainda, as diversas expressões que a sociedade determina ser um tipo de casamento:

Ao longo da história, a sociedade criou expressões para classificar os diversos tipos de relações matrimoniais existentes, sendo as mais comuns: casamento aberto ou liberal (em que é permitido aos cônjuges ter outros parceiros sexuais por consentimento mútuo); casamento branco ou celibatário (sem relações sexuais); casamento arranjado (celebrado antes do envolvimento afetivo dos contraentes e normalmente combinado por terceiros, pais, irmãos, chefe do clã, etc.); casamento civil (celebrado sob os princípios da legislação vigente em determinado Estado - nacional ou subnacional); casamento misto (entre pessoas de distinta origem - racial, religiosa, étnica, etc.); casamento morganático (entre duas pessoas de estratos sociais diferentes no qual o cônjuge de posição considerada inferior não recebe os direitos normalmente atribuídos por lei – exemplo, entre um membro de uma casa real e uma mulher da baixa nobreza); casamento nuncupativo (realizado oralmente e sem as formalidades de praxe); casamento putativo (contraído de boa-fé, mas passível de anulação por motivos legais); casamento religioso (celebrado perante uma autoridade religiosa); casamento poligâmico (realizado entre um homem e várias mulheres); casamento homossexual ou casamento gay (realizado entre duas pessoas do mesmo sexo) e casamento de conveniência (que é realizado primariamente por motivos econômicos ou sociais). (FIGUEIRA, 2008, s/p)

E como depois do casamento, se constrói uma família:

Quem casa, constitui família. No conceito histórico o termo de família é derivado do latim “famulus”, significando “escravo doméstico”, criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas à agricultura e também escravidão legalizada. No sentido mais amplo, família é unidade básica da sociedade, formada por indivíduos em comum ou ligados por laços afetivos, constituindo um subsistemas, formados pela geração, sexo, interesse e/ou função, havendo diferentes níveis de poder, e onde os comportamentos de um membro afetam e influenciam os outros membros. Como unidade social, enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo níveis dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais. (FIGUEIRA, 2008, s/p)

Existem diversos tipos de casamentos, eles determinam como o casal prefere celebrar esse momento de partilha e entrega, e assim formalizar e legalizar esse rito de passagem na vida de ambos. Isso servirá para contrapor o outro tipo de casamento que não é “convencional”, ou seja, “aberto” como nos argumenta o texto em estudo.

Realizando um rápido percurso histórico, estabelecida como uma instituição social desde os tempos mais antigos de nossa humanidade, o casamento, de acordo com a Bíblia: “E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gênesis 2:23-24). Ou seja, o casamento como uma representação da “unidade” entre Deus, Homem e Mulher. E assim, a mulher é parte divina do matrimônio, e cria laços conjugais perante Deus.

O tempo passa, e essa união é estabelecida antigamente do seu modo, como o dia a dia feminino era comum e banal, com o papel de exercer somente os afazeres domésticos e cuidar do marido, tinha que ser a “rainha do lar”. Começava quando a mulher se interessava pelo pretendente ou tinha seu casamento arranjado pela família, ela era preparada para isso, temos então as mulheres tradicionais, pois eram “dedicadas”, a fim de garantir a felicidade do que haviam sonhado.

Portanto, existiam duas máximas vigentes, a primeira que: A mulher era feita para o lar, depois de casada, tinha a responsabilidade do marido e filhos, ou seja, ela era “submissa” e totalmente “dependente” do homem. E segunda que: A mulher que tinha medo de se separar, pois era “marginalizada” e “difamada” pela sociedade, que não aceitava o divórcio. Enfim, o casamento seguia concepções muito tradicionais, tanto nos rituais quanto no procedimento de sua realização.

Toda essa explicação é necessária, pois permite que a crônica “Casamento aberto”, seja mais bem discutida e analisada, vindo a quebrar certos paradigmas e rituais rígidos, que sofreram transformações ao se explicar a ideia do matrimônio, logo mais a seguir.

No início da narrativa, se está atento ao título, que apresenta uma nova forma de concepção do que vem a ser o casamento. Como sendo outro tipo de se casar, denominado de “Casamento aberto”, como vimos nas palavras de FIGUEIRA (2008): “casamento aberto ou liberal (em que é permitido aos cônjuges ter outros parceiros sexuais por consentimento mútuo)”.

Temos um título bastante sugestivo, instigante, questionável, de propostas, levando com isso o leitor de nossa crônica, passa a (re) pensar a nova concepção, da modernidade,

sobre o matrimônio, que é essa “liberdade”, conseqüentemente sendo “livres” e a mulher passa a exercer outros papéis, além de esposa, mãe e dona do lar, ela revela ser mais “autônoma e revolucionária”, o que é bastante coerente nesse tipo de relação, e que muitas vezes é julgada pela sociedade machista, em que só é reservada aos homens a liberdade de ter diversas parceiras sexuais, sem sofrerem qualquer tipo de preconceito, e ainda levam a fama de “bons”.

Em um processo analítico, apresentaríamos cinco momentos dentro do texto literário, que são essenciais para a interpretação e compreensão do nosso estudo, nela temos toda uma tese defendida, ou seja, um posicionamento da escritora, que vai estabelecendo um diálogo com quem lê, tentando aliar os assuntos mais predominantes do cotidiano da mulher e fazer uma ponte entre todos.

A crônica tem início com a intertextualidade, ou seja, há uma referência de um texto em outro. Como já sabemos que esse gênero parte das seções de jornais, de assuntos banais e cotidianos do dia a dia, ele faz uma referência explícita com outro texto nela, que neste caso, é uma notícia, sobre o fato da viúva do ex-presidente francês François Mitterrand, Danielle Mitterrand, ter permitido que a amante e a filha que ele teve fora do casamento comparecessem ao seu funeral. No fragmento:

Andou circulando pela internet um texto creditado a Danielle Mitterrand, viúva do ex-presidente francês François Mitterrand. Pelo teor, acredito que seja mesmo de sua autoria. Quando permitiu que a amante e a filha que ele teve fora do casamento comparecessem aos funerais. (MEDEIROS, 2008, p.13).

Podemos observar claramente essa intertextualidade, como a partir da carta, feita pela viúva, a cronista constrói sua reflexão. Como no fragmento abaixo:

Danielle comprou uma briga com a ala mais conservadora da sociedade francesa. Agora está se defendendo com uma reflexão que serve para todos nós. (MEDEIROS, 2008, p.13).

Nota-se que temos a ideia clara de um casamento aberto ou liberal, por Danielle defender essa concepção do casamento, de “ruptura” dos rituais e regimes autoritários, porque a partir do momento que ela demonstra como uma mulher que não liga para esse sistema fechado, e torna através dos seus atos e palavras essa “aceitação” do fato de amante e filha do seu marido, um acontecimento “normal”, e acaba causando uma briga por ser contra esse conservadorismo da sociedade francesa.

Outro aspecto além da intertextualidade é o fato da mesma por meio de sua defesa, se utilizar como processo de construção positiva: a escrita feminina, em que por meio de suas palavras provoca uma reflexão para todos os leitores, servindo de suporte para melhor entendermos os dilemas da vida adulta. Como observamos na carta, de autoria de Danielle Mitterrand, adiante:

[...] Uma relação a dois não deve ser apaziguada, mas vibrante, apaixonada, e não enfastiada. Nessa complexidade vi que meu marido era tão meu amante quando da política. Vi, também, que como um homem sensível poderia se enamorar, se encantar com outras pessoas, sem deixar de me amar. Achar que somos feitos para um único e fiel amor é hipocrisia, conformismo. É preciso admitir docemente que um ser humano é capaz de amar apaixonadamente alguém e depois, com o passar dos anos, amar de forma diferente. Não somos o centro amável do mundo do outro. É preciso aceitar, também, outros amores que passam a fazer parte desse amor como mais uma gota d'água que se incorpora ao nosso lado. Aceitei a filha de meu marido e hoje recebo mensagens do mundo inteiro de filhos angustiados que me dizem “Obrigado por ter aberto um caminho. Meu pai vai morrer, mas eu não poderia ir ao enterro porque a mulher dele não aceitava”. É preciso viver sem mesquinhez, sem um sentido pequeno, lamacento, comum aos moralistas, aos caluniadores e aos paranóicos azedos que teimam em sujar tudo. Espero que as pessoas sejam generosas e amplas para compreender e amar seus parceiros em suas dúvidas, fragilidades, divisões e pequenas paixões. Isso é amar por inteiro e ter confiança em si mesmo. (disponível em:http://www.artefatocultural.com.br/portal/index.php?secao=materia_completa&subsecao=17&id_noticia=103)

Já no segundo momento da narrativa, a cronista vai abordar como o casamento tradicional, está perdendo sua credibilidade perante a sociedade, não importando se é famoso ou não, o que acaba levando a prática do divórcio cada vez mais crescente e diário, o que faz com essa instituição, seja “desacreditada”, principalmente pelas mulheres que idealizam a paixão, o amor, felicidade, etc.

No excerto abaixo, atenta-se para um novo olhar para as relações conjugais que não é, mas tanto como antigamente, acaba tendo uma carga negativa da construção dessa fase humana, em que a “maioria” não se realiza ou acaba por pouco tempo e a “minoría” que dura um certo tempo, já é considerada um “recorde”, ela usa de ironia, para explicar esse recorde, que está presente também no Guinness (livro de todos os recordes mundiais), e deve se questionar até que ponto o amor permanece diante das dificuldades do dia a dia , ou é mais fácil, o caminho da separação.

É sabido que a instituição casamento vem se descredibilizando com o passar do tempo. Hoje, uma relação que dura vinte anos já é candidata a entrar para o Guinness. (MEDEIROS, 2008, p.13).

Esse casamento “sólido” se desfaz, e passa a ser visto como uma aposta, em que é “tudo ou nada” para o casal, e que rapidamente irá se acabar. Temos então para homens e as mulheres um abismo incerto, dessa configuração antiga e tradicional.

Encontramos no fragmento a seguir, como a intertextualidade está novamente presente na crônica, agora com os clássicos das histórias infantis, contadas para as meninas, quando pequenas. Em que a expressão “felizes para sempre” se torna uma verdadeira “utopia”, em que não existe na realidade para muitos casais.

Todo mundo quer casar, adora a ideia, mas poucos ainda acreditam no felizes para sempre, e não porque sejam cínicos (MEDEIROS, 2008, p.13).

O casamento sendo um “contrato”, “exclusividade”, “vitalícia”, nos moldes tradicionais, e se não houver uma reforma nessa concepção, essas ideias são inválidas e ultrapassadas para a mulher contemporânea, que objetiva exatamente o inverso.

mas porque conhecem bem o contrato que estão assinando: com exigência de exclusividade vitalícia, ou seja, ninguém entra, ninguém sai. (MEDEIROS, 2008, p.13).

No terceiro momento, temos o casamento como “contrato”, ou seja, uma relação de dominação, em ser “dono (a)” de alguém, tem nessa parte, uma Motivação do leitor, sobre uma dúvida constante que perpassa nessa instituição, temos a expressão “cláusulas”, que marca um efeito de sentido “negativo”, “preso” e “formal”; de “legalidade”. A cronista nos faz um questionamento, como podemos observar nesse trecho:

O casamento vai acabar? Nunca, mas vai continuar a fazer muita gente sofrer se não entrarem cláusulas novas nesse contrato e se as cabeças não se arejarem (MEDEIROS, 2008.p.13-14)

Assim, a expressão “nunca” em resposta ao questionamento feito, indica uma negação a esse fato do cotidiano, levando não ao desaparecimento dessa instituição, mas sim uma nova concepção na vida das pessoas, e outras duas expressões do trecho marcantes e que nos chamam a atenção, é que por mais que o casamento tenha mudado nos últimos tempos, passando a ser pautado em normas do matrimônio mais flexíveis, menos tradicionais e com

mais ideias libertadoras, em que deixa de ser um contrato fechado, de regras e imposições e passa a ser de “cláusulas novas” e “arejarem”, ou seja, um típico casamento aberto, logo a liberdade prevalece, e não o sofrimento.

Na busca dessas mudanças, temos na crônica a presença de Discursos, segundo SÁ (2011 *apud* FOUCAULT, 2009, p.17): “o discurso não é simples-mente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas, aquilo por que, pelo que se luta, o poder no qual nos queremos apoderar”. Tem se ainda uma contextualização de discurso apresentada por SÁ (2011, p.17): “Os discursos, ao construírem os objetos de que falam participam da construção do real”.

Nessas ideias do discurso, defendidas por Sá e Foucault, vemos claramente na narrativa um novo discurso feminino, em que as mulheres passam a defender ideologicamente que “o amor e o casamento” não deve ser o mesmo, ou seja, “acomodamento” e sim “uma escolha de vida mais leve e simples”, que acreditamos ser o mais adequado e coerente nessa nova configuração da atualidade. Como ela diz: “Achar que somos feitos para um único e fiel amor é hipocrisia, conformismo”, ou ainda, “amar de forma diferente”.

Na crônica temos ainda uma citação de uma importante feminista, Simone de Beauvoir, nesse fragmento do texto: “Temos amores necessários e amores contingentes ao longo da vida” (MEDEIROS, 2008, p.14). Seja nas palavras da viúva ou da feminista, temos um pensamento similar, a essa nova forma de se amar, que reflete diretamente no cotidiano da mulher e como deve se comportar perante a realidade que está inserida, de que existem relações indispensáveis e outros incertos. Independentemente de a mulher tê-las sendo sólidas ou casuais, mas que não devem ser julgadas por ninguém, dando o direito de sermos livres.

Chegando ao quarto momento da crônica, temos uma “proposta”, ou seja, propõe um “novo” tipo de casamento, justamente o casamento aberto. Observamos agora o posicionamento argumentativo de nossa escritora mostrando que como todo relacionamento, existe o lado bom e o ruim. E isso não seria diferente nesse tipo, como analisado esse fragmento:

Estamos falando de casamento aberto, sim, mas não desse casamento escancarado e vulgar, em que todos se expõem, se machucam e acabam ainda mais frustrados. Casamento aberto é outra coisa, e pode inclusive ser monogâmico e muito feliz. A abertura é mental, não precisa ser sexual. É entender que com possessão não se chegará muito longe. É amar o outro as suas fragilidades e incertezas. É aceitar que uma união é para trazer alegria e cumplicidade, e não sufocamento e repressão. É ter noção de que a cada idade estamos um pouquinho transformados, com anseios e expectativas bem diferentes dos que tínhamos quando casamos, e quem nos ama de

verdade vai procurar entender isso, e não lutar contra. Sendo aberto nesse sentido, o casal construirá uma relação que seja plena e feliz para eles mesmos, e não para a torcida. E o que eles sofrerem, aceitarem, negociarem ou rejeitarem terá como único intento o crescimento de ambos como seres individuais que são. (MEDEIROS, 2008, p.14).

Nesse fragmento, Martha diferencia casamento aberto de vulgaridade, independentemente de haver monogamia ou não. Dois polos, que muito caracterizam não só esse relacionamento, mas que atinge diretamente na visão de mulher construída nessa concepção tradicional e inovadora. Entram em questão diversas opiniões divergentes sobre esses modelos, um casal que é monogâmico não quer dizer que haja sempre “exclusividade”, havendo “traição” entre eles, ou não.

Em compensação o que é visto como sendo “marginalizado” e “promíscuo” por ter um relacionamento de poligamia, como é o tipo de casamento abordado, não significa que é “vulgar”, e que muitas vezes nesse estilo de vida mais liberal, há muito mais “respeito” e “cumplicidade”, do que casais que dizem ser monogâmicos. E assim, a mulher se posiciona de acordo com o modo de relação que escolheu, e recebe comentários positivos e negativos, de acordo com a ideologia do interlocutor em questão.

Uma demonstração de amor, do casamento defendido na narrativa, é quando o casal se “ama de verdade”, eles são pessoas que procuram uma “evolução” mental, corporal, intelectual, sexual e afetiva ao longo do tempo, e quebram todo e qualquer paradigma e preconceito existente a seu respeito, e conseguem assim ter “sucesso” em suas relações conjugais, havendo amor, felicidade, liberdade, reciprocidade.

Quando a crônica nos traz “e não para a torcida”, o emprego da palavra: torcida, nos remete ao Esporte, cujo leitor fica em dúvida, de quem é essa torcida, pode ser a família, amigos, ou melhor, a sociedade que impõe e vai contra essa concepção atual, na qual é ironizada por Martha. Por fim, o quinto momento, com uma característica predominante nesse gênero, temos no final, a reflexão. Portanto, concluindo o texto literário, se apresenta a reflexão para os leitores, no trecho abaixo:

Enquanto não renovarmos nossa ideia de romantismo, continuaremos a bagunçar aquilo que foi feito apenas para dar prazer: duas pessoas vivendo juntas (MEDEIROS, 2008, p.14).

Nessa reflexão da autora, ela faz uma referência explícita aos ideais do Romantismo, vigente no século XIX, que era conservador, e as mulheres viviam em uma eterna “idealização amorosa”. E como na contemporaneidade, elas devem “rever” seus conceitos,

almejar e projetar o melhor para suas vidas. Logo, ela defende o casamento aberto, mas sem se desprender completamente de um tom de romantismo.

O Casamento aberto é mais uma classificação, que já é posto em prática, e a crônica defende como encantador, só que acreditamos que independente do casamento ou nomenclatura adotada, a mulher deve ter a “opção” de ser como ela quer com seu parceiro, e não ser rotulada pejorativamente de “fácil,” “puta”, “errada”, etc.; e sim de uma mulher que é livre e responsável pelas suas escolhas.

4.2 “O cara do outro lado da rua”: novas formas de relacionamento amoroso nos centros urbanos.

Na segunda crônica de análise, temos como foco identificar os elementos narrativos da crônica “O cara do outro lado da rua” que revelem um ponto de vista sobre relacionamento amoroso. Como já temos todo um arcabouço teórico sobre crônica, utilizaremos também do conceito de Cândida Vilares Gancho, e de sua teoria para que possamos identificar os cinco elementos pertencentes às narrativas, e como dentro da prosa, é classificada em um tipo de narrativa, que é o nosso texto literário presente no livro da escritora Martha Medeiros. Segundo GANCHO (2002, p.8) afirma que:

Por se tratar de um gênero híbrido, nem sempre apresenta uma narrativa completa; uma crônica pode contar, comentar, descrever, analisar. De qualquer forma, as características distintivas da crônica são: texto curto, leve, que geralmente aborda temas do cotidiano.

Como os outros autores desse estudo, temos para ela a estrutura e as características que constituem esse gênero. Assim como os outros tipos de narrativas, a crônica também pode ser classificada seguindo ao modelo tradicional utilizado, mas não significa dizer que comportará todos os elementos constituintes da narração, ou seja, algumas podem estar presentes tudo e outras serem parcialmente, pelo simples fato, de ela apresentar um estilo bem particular. Ainda, segundo GANCHO (op.cit, p.9):

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é

necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a narrativa.

Para a análise de uma narrativa, encontram-se cinco elementos, são eles: enredo, personagem, tempo, espaço e narrador. Agora, vamos a nossa análise da crônica “O cara do outro lado da rua”, de acordo com os elementos citados anteriormente, que é datada de 6 de agosto de 2006, e que aborda o relacionamento amoroso de uma forma diferente.

No título da narrativa, temos uma visão instigante e desconhecida, por ser tratar de não qualquer tipo de homem, mas um específico, marcado pelo artigo: O, temos a expressão: O cara; em que “cara” é uma linguagem informal e descontraída, que combina perfeitamente com o estilo literário abordado, em vez de se utilizar o homem.

Já “do outro lado da rua”, nos indica uma pessoa, no caso, esse cara instigante, que está em um “referencial” desconhecido, que para o leitor, não passa de uma rua qualquer, ou seja, um espaço comum, em que se encontra outra pessoa desconhecida, que está “observando” esse determinado cara, estando em um lado A e a pessoa em um lado B, ou seja, direção oposta da rua. Portanto, temos duas pessoas “desconhecidas”, que temos na leitura do texto, buscar revelar sua identidade misteriosa.

O primeiro elemento a ser analisado é o: Enredo, que significa o começo, meio e fim da história, ele é constituído de partes: exposição, complicação, clímax, desfecho. A exposição da crônica “O cara do outro lado da rua”, tem início logo no 1º e 2º parágrafos, quando é realizada a apresentação dos personagens: Ele e Ela. Como temos no fragmento abaixo:

Ele sabia onde ela morava, a via frequentemente saindo com o carro pela garagem, já havia até decorado a placa da atriz. O que ele não sabia é que ela, da janela do seu apartamento, reparava nele todo dia também, quando ele chegava no escritório em frente. Um moreno alto, não muito diferente de qualquer outro moreno alto. (MEDEIROS, 2008, p. 96)

Ou ainda, nesse fragmento:

Ele acompanhava a novela das oito que ela fazia, gostava do jeito que ela atuava, havia uma certa dignidade na escolha dos papéis, e imaginava que ela tinha diversos namorados. Ela, por sua vez, nada sabia dele, a não ser que era um homem como outro qualquer. (MEDEIROS, 2008, p. 96)

Como pode se perceber, temos um homem e uma mulher, que mal se conhecem, mas que já apresentam algumas características iniciais, de ordem moral, comportamental, física,

afetiva, profissional e intelectual. Ele era um moreno alto, trabalhava no escritório da frente, um homem como qualquer outro, desconhecido. Ela era boa atriz (famosa), atuava na novela das oito, morava em um apartamento e tinha um carro.

Portanto, ela era um exemplo de uma mulher independente: profissão, fama, dinheiro. Vê-se que as mulheres aos poucos na nossa história, vão se tornando pessoas mais “ativas” no mercado de trabalho, o que há um tempo, não passava de um sonho, passam agora a se projetar nesse meio e ocupam (multi) atividades, em que circulam nos mais diversos “espaços”, mas isso só foi possível com a constante luta de direitos sociais, políticos e culturais ao longo do tempo, que resulta em grandes “conquistas”, mas que muito ainda tem a ser “conquistado”.

É interessante a forma que a mulher é evidenciada como sendo uma mulher de “condições” e que não depende financeiramente do homem, mas sim afetivamente. Diferentemente de todo garbo e elegância da apresentação de Ela, o contrário não acontece com Ele, que não passa de um homem comum, logo esses aspectos não são destacados.

A complicação, ou desenvolvimento do fato inicial, ou seja, dois estranhos, que aos poucos vão se tornando conhecidos, e sabendo cada vez mais sobre a vida do outro, deixando de ser superficial, para ser mais íntimo, assim ele conhece o universo feminino dela e ela conhece o universo masculino dele. Isso se encontra a partir do 3º, 4º, 5º e 6º parágrafos, neles contém o primeiro contato, os rótulos, ele convidando ela para um café. Encontramos nos trechos a seguir:

Duas vogais: oi. (MEDEIROS, 2008, p. 96)

A atriz famosa do prédio em frente. O cara do escritório do outro lado da rua. Era isso que eram um para o outro. (MEDEIROS, 2008, p. 96)

e ele teve a audácia de convidá-la para um café, e ela teve o desprazer de aceitar. (MEDEIROS, 2008, p. 96)

Durante o café, ele soube que ela havia se separado recentemente, e ela soube que ele estava tentando arranjar coragem para encerrar uma relação desgastada. (MEDEIROS, 2008, p. 96-97)

Chega-se ao momento do enredo, mais importante, o *clímax*, segundo GANCHO (2002,p.11) afirma que:

clímax: é o momento culminante da história, isto quer dizer que é momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. O clímax é o

ponto de referência para as outras partes do enredo, que existem em função dele.

Na crônica estudada, encontramos o clímax, ao decorrer do 7º parágrafo, devido passarem de um nível mais de amizade, para o relacionamento amoroso entre ele e ela, assim como uma característica do gênero, que é narrar fatos do cotidiano, ocorre uma narração minuciosa e íntima do cotidiano da mulher, mas também do homem. À medida que, vai sendo narrado, o grau de aproximação entre os dois cresce, e o casal estabelece um elo afetivo. No excerto, a seguir:

O recado foi entendido, e ela aceitou prontamente um convite para jantar, e desde então não pararam mais de se tocar e de se conhecer. Ela contou, entre lençóis, que trabalhar na tevê é uma profissão como as outras, que o estrelato é uma percepção do público e que no fundo ela era uma mulher quase banal. Ele contou, durante uma viagem que fizeram juntos, da relação que tinha com os avós, da importância deles na sua infância e em como seu passado de garoto do interior havia definido seu caráter. Ela contou, enquanto cozinhavam um macarrão, que havia sido uma menina bem gordinha e que implicavam muito com ela na escola. [...] Não é que o safado escrevia bem?

Nota-se que temos fatos banais do cotidiano (jantar, sexo, cozinhar, viajar, escrever, entre outros) entrelaçados paralelamente com as experiências da vida da mulher, e também do homem, pensamentos, sonhos, sentimentos, ideias, pessoas, que o constituem enquanto indivíduos que são.

Por fim, temos a última parte constituinte do enredo, que é o desfecho surpreendente (8º parágrafo), que se encerra da forma de qualquer narrativa, mas sem deixar uma característica particular de nossa crônica, que é a reflexão. Nesse caso, de um relacionamento que se encerrou e não teve futuro, mas sim um passado e presente juntos, mas que foi diferente por romper as barreiras existentes entre eles.

Não chegaram a viver juntos como vivem todos os casais, mas também nunca mais ficaram separados por uma janela, por uma rua, por um silêncio interrogativo, por uma possibilidade remota. Havia acontecido. Ela para ele, nunca mais uma celebridade. Ele para ela, nunca mais um homem comum. (MEDEIROS, 2008, p.97)

O segundo elemento a ser analisado é: personagem, utilizando a teoria de GANCHO (2002, p.14) temos que: “O personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala”.

Ela ainda classifica, em protagonistas e antagonistas, dentro de nossa narrativa, encontra-se somente dois protagonistas, ou seja, os personagens principais, que é um homem e uma mulher, que depois passam a ser um casal protagonista, e novamente voltam a serem personagens individuais.

Esses personagens são caracterizados em: planos e redondos, o mais adequado para nossa análise é os personagens redondos, ainda segundo GANCHO (op.cit, p.18) afirma que:

Personagens redondos: são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de *características* que, por sua vez, podem ser classificadas em: *físicas:* incluem corpo, voz, gestos, roupas; *psicológicas:* referem-se à personalidade e aos estados de espírito; *sociais:* indicam classe social, profissão, atividades sociais; *ideológicas:* referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião; *morais:* implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista.

Analisando a personagem feminina: Ela, identificaremos as características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais:

que havia sido uma menina bem gordinha e que implicavam muito com ela na escola. – Característica física

Ela contou, enquanto penteava o cabelo dele, que às vezes chorava mais de felicidade do que de tristeza e que ainda não sabia o que dar a ele de aniversário. – Característica psicológica

Ele acompanhava a novela das oito que ela fazia, gostava do jeito que ela atuava, havia uma certa dignidade na escolha dos papéis. – Característica social

que trabalhar na tevê é uma profissão como as outras, que o estrelato é uma percepção do público e que no fundo ela era uma mulher quase banal. – Característica ideológica

gostava do jeito que ela atuava, havia uma certa dignidade na escolha dos papéis. - Característica moral

Entre os cinco elementos da narrativa devemos estar atentos nessa crônica em específico, aos personagens e ao tempo, eles são elementos que se destacam em nossa narração. Por se tratar de um tempo próprio de um texto literário, conforme GANCHO (op.cit, p.20): “Neste livro abordaremos o tempo fictício, isto é, interno ao texto, entranhado no enredo”.

A crônica apresenta uma duração da história, por um curto período de tempo, encontramos um tempo: o tempo cronológico. Ainda, segundo GANCHO (op.cit, p.21) afirma que o tempo cronológico:

É o nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos do no enredo, isto é, do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem em que os fatos ocorreram); chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos.

Temos ao longo da narrativa, vários fragmentos que compõem esse tipo de tempo, logo mais adiante:

Um dia se cruzaram, ela saindo do prédio, ele chegando ao escritório, e por razão nenhuma se cumprimentaram.

Passaram semanas e um dia se abanaram, de longe. E longe permaneceram por outros tantos meses.

apenas se sabe que um dia pararam na calçada para ir além das duas vogais

No dia seguinte ele telefonou e comentou que ela havia dado a ele a coragem que faltava.

Em relação ao quarto elemento identificado na narrativa estudada, temos o espaço. É determinado, conforme GANCHO (op.cit, p.23):

Assim como os personagens, o espaço pode ser caracterizado mais detalhadamente em trechos descritivos, ou as referências espaciais podem ser diluídas na narração. De qualquer maneira é possível identificar-lhe as características, por exemplo, espaço fechado ou aberto, espaço urbano ou rural, e assim por diante.

Logo, contém poucos espaços, inicialmente em um espaço aberto, que é a rua, na qual dividem os dois, o espaço fechado de cada um, o homem é o escritório e a mulher é o seu apartamento, depois a cafeteria e o apartamento dela.

Por fim, temos o quinto elemento da narrativa, o narrador, segundo GANCHO (op.cit, p. 26) afirma que:

Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária, para designar a função do narrador na história: *foco narrativo* e *ponto de vista* (do narrador ou da narração).

Ela ainda classifica em tipos, são dois: o narrador personagem e o narrador observador, o encontrado na crônica, é o segundo tipo, em 3ª pessoa do singular. De acordo com GANCHO (op.cit, p. 27):

Terceira pessoa: é o narrador que está fora dos fatos cotidianos, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de *narrador observador*, e suas características principais são: a) onisciência: o narrador sabe tudo sobre a história; b) onipresença: o narrador está presente em todos os lugares da história.

Um exemplo de narrador observador no trecho extraído de “O cara do outro lado da rua”:

Não chegaram a viver juntos como vivem todos os casais, mas também nunca mais ficaram separados por uma janela, por uma rua, por um silêncio interrogativo, por uma possibilidade remota. Havia acontecido. Ela para ele, nunca mais uma celebridade. Ele para ela, nunca mais um homem comum. (MEDEIROS, 2008, p.97)

Portanto, se utilizando das palavras de GANCHO (op.cit, p.27): “Neste caso, temos bem clara a onisciência do narrador observador, pois ele não apenas narra o que se passa com os personagens, mas também o que sentem; em outras palavras, ele sabe mais que os personagens.”.

Agora, que já identificamos os elementos constituintes das narrativas, todos eles nos ajudaram para que tenhamos uma opinião crítica sobre como o relacionamento amoroso deve se configurar.

Como observamos os personagens se modificam ao longo da narração, são “tipos”, assim são personagens banais, por não ter nome próprio, por serem chamados de: Ele e Ela. Remetem-nos uma “idealização”, podendo ser qualquer mulher e homem comum. Os personagens têm um comportamento inusitado, nesse trecho abaixo:

ele teve a audácia de convidá-la para um café, e ela teve o desprazer de aceitar. (MEDEIROS, 2008, p.96)

As palavras “audácia” e “desprazer” indicam que os personagens tiveram um ato de coragem e saíram do conformismo, e foram ousados em conhecer o outro, em se relacionar.

À medida que o casal se torna “sólido”, se usa uma linguagem bastante íntima: “entre lençóis”, mostrando um relacionamento amoroso que tem um vínculo afetivo e sexual, apesar

do curto tempo, já possuem uma ligação entre eles, como os marcadores temporais nos indicam a existência do cronológico.

A ideia de relacionamento amoroso se dá de forma peculiar em cada casal, mas o que torna diferente e não habitual, é que as pessoas tem o “direito” de escolher como vivem suas vidas, não devemos “rotular”, seja no início de uma relação, como na segunda na crônica analisada aqui, ou mais adiante, em um casamento, como foi *corpus* da primeira análise.

Assim, esse cotidiano do casal, que interfere em ambos, de permanecerem “juntos”, e levando o leitor a questionar o que “havia acontecido”, nesse caso, o amor. Sentimento esse que tem como toda e qualquer relação, a fase da paquera e da conquista, em que vivemos uma “paixão arrebatadora”, e com o tempo se consolida em Amor.

A mulher que busca nos relacionamentos amorosos, aquela “intimidade” entre o casal, logo acaba se projetando em relações “duradouras”, para além do exterior, com Identidades sendo construídas nas duas pessoas, e a sensação de juntos serem “completas e complexas”.

Isso deve ocorrer sim, esse relacionamento amoroso diferente, pois não é porque eles não tiveram um casamento aos moldes tradicionais, que devem ser julgados pela sociedade. Eles unidos, inicialmente por serem “vizinhos de rua”, diminuíram as distâncias, depois tiveram um “namoro”, e agora seguem caminhos separados, não significa que não tiveram sua história, por um instante foram um só, e não apenas meros desconhecidos.

A vida continua, fazendo com que as mulheres nesse caminho do amor, queiram encontrar “o cara”, ou seja, alguém para acrescentar suas vidas, assim mais uma vez ela não rompe em definitivo com o imaginário romântico.

4.3 “Doidas e santas”: reivindicar o direito de ser mulher de diferentes formas no século XXI

A terceira parte de nossa análise, está voltada para analisar a relação de ambiguidade construída sobre os perfis femininos na crônica “Doidas e Santas”. Ela que é escrita em 13 de abril de 2008, e vem nos revelar justamente esse título chamativo. Essa crônica possui uma ambiguidade: as mulheres são santas e doidas. É uma crônica humorística, pois tem que ter algo que chame a atenção do leitor, através de humor. A linguagem é próxima do informal, e traz uma visão irônica ou cômica de fatos apresentados.

O título da narrativa, “Doidas e Santas”, é bastante criativo e polêmico, porque leva ao leitor a se questionar quem são essas mulheres, que parecem estar em uma dicotomia no perfil da mulher, entre serem doidas ou santas. Como se vêem e a sociedade rotula.

O início é marcado de intertextualidade, com o poema: A serenata, de Adélia Prado. Nele a poetisa aborda de maneira lírica, que está à espera do seu amado, em um dilema de dois caminhos a se escolher, se vira doida ou santa. Encontramos o poema, a seguir:

A serenata

Uma noite de lua pálida e gerânios
 ele viria com boca e mãos incríveis
 tocar flauta no jardim.
 Estou no começo do meu desespero
 e só vejo dois caminhos:
 ou viro doida ou santa.
 Eu que rejeito e exprobro
 o que não for natural como sangue e veias
 descobro que estou chorando todo dia,
 os cabelos entristecidos,
 a pele assaltada de indecisão.
 Quando ele vier, porque é certo que vem,
 de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
 A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
 — só a mulher entre as coisas envelhece.
 De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
 Como a fecharei, se não for santa?

(Adélia Prado. In: Bagagem, 1976)

Nessa santidade e loucura lado a lado, a mulher do poema se mostra tão desesperada ao esperar seu amado, que passam anos e anos, ela se modifica (envelhecendo), mas não deixa de manter a “esperança” no amor, como sabemos no amor tudo vale, pois “tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, e na construção feminina formada, temos a forma Doida, se ela esperar e Santa, se houver “abstenção” dos desejos. Toda essa ambiguidade que perpassa a psique feminina é válida desde que a idealização romântica “prevaleça”, o que mostra até que ponto as mulheres são “submetidas” aos homens, e como outras mulheres vem “partir” com isso, e em vez de “esperarem”, vão à luta, e “chegam” neles, o que a sociedade impõe como a mulher “oferecida”, o que não é verdade, pois elas só estão sendo mulheres de “atitude”. De acordo com Silva (2003, p.2) afirma que:

Nessa perspectiva, verificamos um desdobramento do feminino na poesia de Adélia Prado, ou seja, uma representação da mulher ora dentro dos

referenciais androcêntricos, o que chamamos de “santidade”, ora fora dos mesmos, o que denominamos “loucura”.

A crônica de Martha Medeiros começa justamente com esses versos: “Estou no começo do meu desespero / e só vejo dois caminhos: / ou viro doida ou santa.”. Em seguida, tem o seguinte fragmento:

Narra a inquietude de uma mulher que imagina mais cedo ou mais tarde um homem virá arrebatá-la, logo ela que está envelhecendo e está tomada pela indecisão - não sabe como receber um novo amor não dispondo mais de juventude. (MEDEIROS, 2008, p.211).

Na narração analisada, devemos atentar ao sentido de alguns termos que influenciam diretamente na perspectiva literária estudada, logo “arreatá-la”, que tem como significado: Retirar, tirar de um lugar com violência; arrancar. Tomar de assalto. Empolgar. Causar perda. Deixar-se dominar pela ira.

Provoca na crônica, um efeito ideológico muito grande, por se tratar de uma expressão forte, esses significados desse termo, são dotados de uma carga “pesada”, indicando violência, susto, perda, ira. Tudo isso mostra que esse homem usará de “agressão” e “força bruta” para “incendiar”, “posse” e “dominar” esse amor feminino, que espera ansiosamente, por mais que os conflitos de sua idade existam, temos um ar de melancolia e agonia nela, que mostra seu “querer” desenfreado e desmedido.

Deste modo, foi utilizada pela própria escritora Martha, em que como sabemos o sentimento do amor, acaba causando uma visão idealizadora configurada socialmente, em que a mulher irá encontrar o “príncipe encantado”, “homem certo” ou o “amor da minha vida”, que assim um dia virá resgatar da sua “prisão” interna e externa, e em um forte abalo emocional, será capaz de realizar esse arrebatamento total e intenso.

Outro termo é “envelhecendo” e “juventude”, uma dicotomia, na qual o sujeito envolvido, nesse caso, essa mulher que deveria ser denominada de “mulher de fases”, por ter diferentes idades na sua vida, e acabou percorrendo profundas transformações psicológicas, corporais, espirituais, comportamentais ao longo do tempo, e agora está em conflito.

Diferentemente da juventude, a experiência do envelhecimento é muito “frustrante” para os seres humanos, pois eles se consideram “inválidos” para muitas áreas da sua vida, e isso não deixa de ser no amor, ele é vivenciado de forma diferente para homens e mulheres.

Para os homens, o envelhecimento é algo mais “natural”, do curso da vida, pois indica uma “valorização” do perfil masculino, aumentando a autoestima e sendo uma forte “atração” das mulheres, que os vêem como homens “experientes”, “atraentes” e “sedutores”.

Já as mulheres o mesmo não acontece, pois as “mudanças” são mais drásticas, na maioria delas ocorre a diminuição da autoestima, fazendo com que se enxerguem “feias”, e são vistas pelos homens, como mulheres “velhas”, “acabadas” e “inúteis”.

Nesse momento, a mulher está inquieta e “indecisa” porque no cotidiano feminino, a “beleza” está como marca de todas, e os padrões estéticos rigorosos e ideais são impostos pela sociedade, e elas acreditam que muitas mulheres mais velhas, não podem mais viver um amor, por não estarem com mais tanto vigor e poder de atração tão perfeito do que uma mulher jovem. Portanto, tem em suas mentes e corações de que já ultrapassaram a idade de acontecer o amor. O que não é verdade, pois o que importa verdadeiramente é a sua essência. Vemos que o envelhecimento, ou seja, a velhice é um marco na vida feminina, e diferentemente da sua juventude, ela carrega toda uma saudade desse tempo de conquistas, que é marcada pelo seu tom melancólico nas suas palavras.

Outro aspecto interessante é a forma que a narrativa termina nesse momento, com a retomada do poema de Adélia: “De que modo vou abrir a janela, se não for doida? Como a fecharei, se não for santa?”. Temos aí um momento reflexivo, em que a mulher se posiciona de forma que tem duas escolhas a serem feitas. A primeira de ser Doida, por abrir a porta, isso remete a ideia construída ao contexto histórico social, que desafiava o que era imposto pelas famílias e a sociedade de ser prometida ao pretendente, esse abrir indica a ideia que ela está “livre” e “entregue” ao amor. Sendo considerada doida, por quebrar as regras estabelecidas. Já a segunda escolha, é de ser Santa, por fechar a porta, ou seja, a mulher tradicional, comportada, que existia antes em nossa sociedade, estando, portanto “presa”, e não podendo se relacionar com seu amado, de própria vontade. Assim, temos um “abrir e fechar para o amor”, em que essa mulher do poema, e já passando para o texto literário, vai ter que decidir o que ela quer para o seu coração.

A crônica continua com um tom humorístico, no fragmento abaixo, observa-se um elogio a poeta e uma definição “exata”, que talvez não aconteça na realidade:

Adélia é uma poeta danada de boa. E perspicaz. Como pode uma mulher buscar uma definição exata para si mesma estando em plena meia-idade, depois de já ter trilhado uma longa estrada onde encontrou alegrias e desilusões, e tendo ainda mais estrada pela frente? (MEDEIROS, 2008, p.211)

Pode-se dizer que por mais experiência amorosa de vida que essa mulher tenha, marcada de alegrias e desilusões, ainda não é capaz de conceituar a si própria tão precisamente, pois ainda tem um futuro incerto para viver.

A dualidade entre Razão *versus* Emoção vem desde o século XVI, com o Renascimento, dentro dessa configuração, as mulheres são mais caracterizadas por serem mais emocionais, mas também se utilizam do racional para exporem suas ideias, o que muitas vezes em seus posicionamentos racionais são julgados e deturpados, o que não é correto. No fragmento, a seguir:

Se ela tiver coragem de passar por mais alegrias e desilusões – e a gente sabe como as desilusões devastam – terá que ser meio doida. Se preferir se abster de emoções fortes e apaziguar seu coração, então a santidade é a opção. Eu nem preciso dizer o que penso sobre isso, preciso? (MEDEIROS, 2008, p. 211)

Atenta-se justamente a essa dualidade existente, em que a mulher, para a cronista, se usar o Emocional é doida, e se usar a Razão, é santa. Apesar de defender a razão, é evidenciada a negação que faz com as mulheres santas, pelo tom irônico com que termina em forma de interrogação, como se não devesse opinar em algo já fixo em suas ideologias.

Discutindo melhor essa ambiguidade que vai se concretizando a partir desses dois perfis femininos construídos, a crônica permanece com um tom de humor e ironia bastante apurados, e continua a discussão polêmica em definir esses dois polos da identidade feminina, como se vê no excerto abaixo:

Mas vamos lá. Pra começo de conversa, não acredito que haja uma única mulher no mundo que seja santa. Os marmanjos devem estar de cabelo em pé: como assim, e a minha mãe??? (MEDEIROS, 2008, p.211)

Nessa configuração do cotidiano feminino, defendemos que: Toda mulher é um pouco doida. Inclusive a própria cronista Martha Medeiros, e que através do questionamento feito, os homens têm uma visão muito engraçada, de ver as mulheres, muitas vezes rotuladas de “doidas”, “malucas” “loucas”, “psicóticas”, “histéricas”, mas esses mesmos sujeitos que proferem esse discurso machista, não admitem que mexam com suas mães, temos assim uma idealização da figura materna, da Mãe, como Santa; dignas de respeito por serem suas progenitoras, e não serem como as outras mulheres com quem têm relações amorosas ou sexuais. Esse culto da figura materna, em detrimento de outras mulheres, relaciona-se com o estabelecimento do cristianismo e a adoração à Virgem Maria, mãe de Cristo.

Um aspecto interessante é a linguagem informal e expressões do cotidiano típicos de uma crônica, o emprego de “vamos lá”, indicando uma progressão de ideias; “pra”, em vez de usar “para”; e a gíria “marmanjos”, no lugar de homem adulto, que significa pessoa do sexo masculino que não faz nada e é sustentado pelos pais. Essa expressão é uma forma pejorativa de se referir a homem adulto, e por tanto, revela um posicionamento da autora em relação à forma como esses homens se comportam em relação às mulheres, de maneira “inadequada”.

Encontra-se ainda em nossa análise um diálogo com o leitor masculino, de maneira informal e direta, fazendo com que as concepções masculinas sejam derrubadas, e passem a olhar suas mães, como um dos lados, que estão presentes nas mulheres:

Nem ela, caríssimos, nem ela. (MEDEIROS, 2008, p.212)

Dentro desses vários lados da mulher, um tipo bem comum, é o da mulher cansada, que não é mais uma doida, e se “acomodou” na vida insignificante que leva. No fragmento:

Existe mulher cansada, que é outra coisa. Ela deu tanto azar em suas relações, que desanimou. Ela ficou tão sem dinheiro de uns tempos pra cá, que deixou de ter vaidade [...] Guardou sua loucura em alguma gaveta e nem lembra mais. (MEDEIROS, 2008, p.212)

O duplo perfil feminino continua sendo polemizado, saindo em defesa das mulheres doidas, e ironizando as mulheres santas, dizendo que nem as mães são esse tipo. Mais uma vez, em um tom de humor e ironia, tentando descontrair com o leitor, diz o seguinte trecho:

Santa mesmo, só Nossa Senhora, mas, cá entre nós, não é uma doideira o modo como ela engravidou? (Não se escandalize, não me mande e-mails, estou brin-can-do.) (MEDEIROS, 2008, p.212)

Pelo trecho acima, temos uma citação explícita a uma referência de mulher santa da Igreja Católica, ela que é considerada pelos católicos como sendo a mãe de Jesus Cristo e engravidou pelo Espírito santo, mantendo-se virgem e pura. A concepção de mulher santa chega à crônica até nas concepções religiosas, podendo ser aceito ou não de acordo com o sujeito que segue ou não essa doutrina da igreja. A autora, até certo ponto, questiona essa versão, pois afirma que é uma grande loucura a forma como a santa engravidou, então, a loucura estaria presente até mesmo na santidade da Virgem Maria. Depois, como sabe que este é um dogma não questionado pelos fiéis, diz ironicamente estar “brin can do”, como

forma de se eximir das críticas que poderia vir a receber por problematizar tal assunto sagrado. Ao fazer isso, Martha Medeiros aproxima a representação de Maria santíssima com todas as mulheres comuns que são julgadas como doidas.

A crítica feminista vem nos mostrar que a mulher passou por diversas transformações ao longo do tempo, segundo RAGO (2004, p.31) afirma que:

Ser mulher, até aproximadamente o final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental.

Ainda nas palavras da historiadora, a Medicina contribuía para essa visão biológica, em RAGO (op.cit, p.31-32):

É que, até então, reinavam no imaginário social as definições construídas pela medicina do século XIX, sobre a identidade feminina. Segundo esta, as mulheres deveriam ser mães, acima de tudo, como se sua suposta essência se localizasse num órgão específico – o útero, capaz de responder por todos os seus bons e maus funcionamentos fisiológicos, psíquicos e emocionais.

Como se vê, as mulheres deveriam passar por todo um sofrimento biológico, para assim corresponder ao ideal romântico masculino projetado sobre suas vidas, é nesse ponto que a crítica feminista se posiciona totalmente contra esse fator biológico, que determinava e influenciava diretamente no cotidiano feminino, e alterava o perfil feminino, que era de “dominada” e “submissa”. Na crônica, percebemos essa teoria narrada nesse fragmento:

Toda mulher é doida. Impossível não ser. A gente nasce com um dispositivo interno que nos informa desde cedo que, sem amor, a vida não vale a pena ser vivida, e dá-lhe usar nosso poder de sedução para encontrar “the big one”, aquele que será inteligente, másculo, se importará com nossos sentimentos e não nos deixará na mão jamais. Uma tarefa que dá para ocupar uma vida, não é mesmo? Mas além disso temos que ser independentes, bonitas, ter filhos e fingir, às vezes, que somos santas, ajuizadas, responsáveis, e que nunca, mas nunca, pensaremos em jogar tudo para o alto e embarcar num navio pirata comandado pelo Johnny Depp, ou então virar uma cafetina, sei lá, diga aí uma fantasia secreta, sua imaginação deve ser melhor que a minha. (MEDEIROS, 2008, p.212).

Primeiramente, ela conceitua e defende a mulher doida, com exatidão. A expressão “dispositivo interno” é biológica, logo contra a nossa corrente teórica utilizada, pois compreendemos as chamadas “questões femininas” como fenômenos culturais. É a cultura que ensina às mulheres que a vida sem amor não vale a pena e não faz o mesmo com os

homens, logo é comum elas almejem desde cedo o casamento e os homens jovens repeli-lo. Não há nenhum “dispositivo interno” biológico, nada na suposta “essência feminina” que conduza a isso. Prova disso são as transformações ocorridas no século XXI. De acordo com RAGO (op.cit, p.33): “Ser mulher, no século XXI, deixou de implicar necessariamente gravidez e parto, o que traduz uma enorme ruptura com a ideologia da domesticidade.”.

Depois, nessa idealização amorosa, se utiliza até a expressão em inglês: “the big one”, que poderia ser traduzida como “Um só”, “o cara”, é o que as mulheres buscam incansavelmente em suas vidas. O poder de sedução é a arma utilizada para conquistar o amor ideal. Mais uma vez, o que temos aqui é a idealização romântica do “príncipe encantado”. Essa conquista é marcada por todo um artifício, assim como os homens, as mulheres também acabam realizando uma “idealização masculina” da pessoa perfeita, como no fragmento abaixo:

aquele que será inteligente, másculo, se importará com nossos sentimentos e não nos deixará na mão jamais. (MEDEIROS, 2008, p.212).

Novamente temos uma relação de diálogo com a leitora da crônica – indicado pelo uso dos pronomes na 1ª pessoa plural, que acontece nesse trecho, a partir do questionamento de procurar durante toda uma vida o homem ideal:

Uma tarefa que dá para ocupar uma vida, não é mesmo? Mas além disso temos que ser independentes, bonitas, ter filhos e fingir, às vezes, que somos santas, ajuizadas, responsáveis, e que nunca, mas nunca, pensaremos em jogar tudo para o alto e embarcar num navio pirata comandado pelo Johnny Depp, ou então virar uma cafetina, sei lá, diga aí uma fantasia secreta, sua imaginação deve ser melhor que a minha.

A mulher que é repleta de facetas, e que assume agora na contemporaneidade novos papéis e discursos femininos, em que são “diferentes” dos séculos anteriores. Pois, ela é multifuncional em seu cotidiano, tendo que aparecer pessoas “equilibradas” e assim ser uma mulher santa, e não bancar a “surtada”, ou seja, a mulher doida. Portanto, mais uma idealização da mulher, agora diferentemente da passividade reverenciada no século XIX, a mulher ideal deve ser ativa e se ocupar com múltiplas jornadas, sem descuidar do papel feminino tradicional (ter filhos e manter-se bela). Segundo RAGO (op.cit, p.32) afirma que:

Embora as mudanças culturais e mentais sejam muito difíceis e custosas, esse regime de verdade foi questionado e derrubado, à medida que a acelerada modernização socioeconômica, desde a década de 1970, no Brasil,

levou milhares de mulheres ao mercado de trabalho e que o feminismo emergente passou a pressionar incisivamente por uma redefinição de seu lugar na sociedade. A mudança foi tão radical que, hoje, dificilmente alguém ousaria afirmar, como outrora, que a mulher não tem capacidade mental ou condições físicas para ser uma boa governante, dirigente política, empresária, engenheira, juíza, médica, delegada ou esportista, para ater-me às profissões tidas como tipicamente masculinas.

Na busca dessa independência feminina, hoje, temos uma configuração de abertura do espaço profissional cada vez mais ampla e surpreendente, mostrando que as mulheres conseguiram, ao menos parcialmente, o tal almejado objetivo. A narrativa continua com o seguinte fragmento:

Eu só conheço mulher louca. Pense em qualquer uma que você conhece e me diga se ela não tem ao menos três destas qualificações: exagerada, dramática, verborrágica, maníaca, fantasiosa, apaixonada, delirante. Pois então. Também é louca. E fascinante. (MEDEIROS, 2008, p.212)

Nele temos uma mulher louca, e que há características que levam a essa condição de louca. Uma série de adjetivos no feminino que usualmente se atribuem às mulheres. De certa forma, até a própria autora revela dificuldades de romper completamente com uma série de estereótipos. Por fim, o último fragmento a ser analisado de nossa crônica, possui em seu desfecho, uma reflexão para os leitores da escritora Martha Medeiros.

Todas as mulheres estão dispostas a abrir a janela, não importa a idade que tenham. Nossa insanidade tem nome: chama-se Vontade de Viver até a Última Gota. Só as cansadas é que se recusam a levantar da cadeira para ver quem está chamando lá fora. E santa, fica combinado, não existe. Uma mulher que só reze que tenha desistido dos prazeres da inquietude, que não deseje mais nada? Você vai concordar comigo: só sendo louca de pedra. (MEDEIROS, 2008, p. 212-213).

Atenta-se para que as mulheres são sujeitos, que independentemente de sua idade, por mais diferentes que possam ser, estão sempre dando uma “chance” para o amor. Depois encontramos o emprego de letras maiúsculas em: Vontade de Viver até a Última Gota. Para enfatizar o “desejo de aproveitar ao máximo a vida, com tudo que ela tem a oferecer”.

Na construção dessa ambiguidade dos perfis femininos: doidas e santas, ela termina a crônica, criticando as mulheres cansadas, negando as santas, e defendendo as doidas. Assim, vê-se que na verdade final é que: A doida é a Santa. Provando que, na verdade, os conceitos de loucura e santidade são valores culturais que podem e devem ser problematizados.

A respeito de a crônica ser intitulada dessa forma “Doidas e Santas”, deve-se analisar também o emprego do: e; como conjunção aditiva, pois une duas palavras, nesse caso, indicando a ambiguidade dos dois perfis femininos: “As doidas” e “As santas”, que como vimos, são a mesma pessoa.

De acordo com a nossa última crônica da análise, observamos que houve uma valorização da mulher doida. Esse ser que vive intensamente suas alegrias e tristezas, e trás consigo um dos vários lados que ela é, carregando consigo vários “estereótipos” adotados pela sociedade. Então, ela esconde suas fragilidades, e mantém um autocontrole perante os outros que a rotulam como tal. É nesse objetivo que Martha Medeiros vem através dessa crônica realizar uma “desconstrução” dos perfis femininos encontrados em seu cotidiano específico.

Porque a concepção ideológica formada da mulher doida, é de uma pessoa que se comporta de modo insano, que apresenta indícios de loucura. Portanto, é vista como uma louca de pedra, possuindo um comportamento “insensato” e não assumindo responsabilidades. Só que necessariamente essa mulher doida, não pode ser julgada, pois ela tem grandes capacidades enquanto ser humano para ser rotulada.

Dentro de cada mulher, existe um lado doido ou um santo, tornando seres encantadores, são vários lados dessa figura feminina, que vai se modelando conforme os dilemas da vida adulta, e que não importa se predominam um perfil sobre o outro, de fato lá no mais íntimo interior feminino existe espaço para ambos.

E é essa a beleza que torna as mulheres tão “envolventes”, pois consiste na camuflagem diária, em que dentro de suas (multi) facetas, consegue ter a capacidade de se moldar, e fazer acontecer dos fatos mais banais do cotidiano até as relações pessoais, mesmo diante do machismo e preconceito existente em nossa sociedade. Segundo RAGO (op.cit, p.41) afirma que:

Se, de um lado, as mulheres se fortalece, se passam a construir uma auto-estima positiva, se é visível que a sociedade se feminiliza cada vez mais, de outro não há garantias de que os homens mudarão no sentido de se tornarem mais sensíveis, muito embora seja notória a diferença entre os homens nascidos antes e depois do feminismo.

Com isso, o feminismo mostra que importa essa ambiguidade dos perfis femininos, pois independente do escolhido, está se abordando as mulheres, implicando em uma feminilização cada vez mais frequente, e a constante transformação social e sexual das políticas feministas e delas em geral, se tornando uma esfera mais ampla e dinâmica no cenário que sempre foi masculino.

Como ser mulher não tem somente a ver com as características psicológicas, mas também morais, sociais, comportamentais, ou seja, suas “atitudes” que levam a caminhos distintos nesse horizonte da vida. De acordo com FUNCK (2011, p.67) sobre o que é uma mulher:

Muito provisoriamente, eu diria que uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles.

Ou ainda, segundo WENDT (2012 , p.41) afirma que:

É esse devir que está conectado à possibilidade que a mulher tem de singularizar-se, de tornar-se outra e continuar sendo ela. Permitir-se singularizar é um processo complexo e desassossegante, não acompanha regras, pois é singular, diz respeito ao si, ao mim e ao me:

Conclui-se que as várias formas de ser mulher merecem ser respeitadas e valorizadas, e o forte discurso feminista deve sim continuar: Não sou Puta, Não sou Santa, Sou Livre. Pois, mesmo sendo consideradas como “palavrões” ou expressões inadequadas, são fortes rótulos que a sociedade, independente de gênero, impõe sobre as mulheres que buscam a defesa dos seus ideais, logo, são desvalorizadas por irem contra as concepções formadas culturalmente. Portanto, a luta constante por transformações que visam o direito da mulher, e consequentemente uma igualdade entre os sexos, deve ser firmada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho, vários conceitos e análises foram utilizados para dar embasamento a essa problemática de tão múltiplas ideias e modos de agir. Com um *corpus*, observamos que a subversão do cotidiano feminino vem a cada dia, se modificando, e deve ser analisada.

Em pleno século XXI, as mulheres não são mais as mesmas, como vimos no amor, ela quer ser livre. Mas não é só no amor, é na maternidade, família, profissional, nos mais diversos campos da vida. Essa mulher contemporânea busca quebrar os paradigmas existentes no contexto sócio histórico em que está inserida. E aos poucos vai conseguindo, a sua independência financeira, amorosa, sexual, entre outras, e é luta constante de feministas que defendem massivamente as concepções ideológicas femininas. Como sabemos, devem ocorrer mais e mais “revoluções”, devem-se procurar caminhos “alternativos” de agir, pois só assim as mulheres deixam de ser rotuladas negativamente, e passam a ser respeitadas e valorizadas pela sociedade, que está enrijecida em antigas concepções.

O livro aqui analisado vem mostrar que a mulher é forte, guerreira, feliz, livre. Servindo de exemplo para as leitoras, que não vão ter mais seu universo, em desordem e conflito, ou pelo menos evitar certas neuroses da vida adulta.

Nas crônicas estudadas e analisadas, o feminino é bem forte e delimitado, pois em cada crônica temos a figura central: mulher, imbricada ao redor de uma questão cultural que está fortemente enraizada na sociedade, defendendo o oposto, em que vem no caminho inverso de inovar esses padrões estabelecidos.

Na 1ª e 2ª crônica o posicionamento feminino é de uma mulher romântica, mas destemida na busca da felicidade e liberdade. E na 3ª é de uma mulher única, irreverente, mágica, encantadora com o seu jeito particular de ser.

Todas as crônicas estão interligadas em único viés: Como ser mulher na contemporaneidade.

Já diria a feminista Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. E é justamente nesse processo de tornar-se mulher que essas mulheres vêm mostrar de maneira positivamente construtiva o que pensam, para que existem, como agem, sentem; definindo o poder que detém.

E na literatura, vem com força total, assumindo o seu espaço, mostrando que não só os homens é que sabem escrever e se configurando em personagens femininas, suaves e fortes ao

mesmo tempo, e principalmente, escritas pelas próprias mulheres. Dividindo então, como vimos espaço com os cânones literários.

As mulheres não devem ser julgadas, oprimidas, silenciadas, pelos homens. De fato, o direito igualitário entre homens e mulheres, deve existir e ser colocado em prática diariamente; dissolvendo barreiras na sociedade.

Assim, a escritora Martha Medeiros, tem sim “um teto todo dela”, pois ela é famosa em livros e redes sociais da internet, é a nova sensação dos jovens e adultos atuais, sendo badalada e requisitada pelos fãs.

A leitura desse livro é muito interessante e encantadora, por revelar uma mulher contemporânea, distinta do que estávamos habituados a ver na literatura tradicional.

Como vimos, por meio de todo o estudo feito, podemos constatar a subversão do cotidiano feminino em diversos momentos, pois como se sabe a palavra “subversão” tem um forte impacto, significando o ato ou efeito de subverter, ou ainda a insubordinação ao poder constituído.

E isso é confirmado nas crônicas, quando em “Casamento aberto”, temos essa concepção, que se volta de baixo para cima, ou seja, deixa de ser colocada distante, e passa a fazer parte ativamente do cotidiano feminino. Na crônica “O cara do outro lado da rua”, a mulher diante do que viveu nesse relacionamento amoroso, acaba sub elevando essa forma de amar, a um patamar que ele é reconhecido e tem significado.

E em “Doidas e Santas”, essa ambiguidade construída sobre os perfis femininos, temos novamente a subversão, quando a mulher em seu universo, vem perverter e corromper com o que a sociedade estabelece sendo correto.

Portanto, toda essa subversão do cotidiano feminino, nada mais é do à mulher que visa a sua submersão, diante de um sistema muitas vezes, colocado de insubordinação ao poder constituído.

Defendemos nesse trabalho o gênero literário crônica e a crítica literária feminista, duas áreas de estudos ainda em construção, mas que como procuramos demonstrar aqui são potencialmente reflexivos. Por fim, são partes constituintes de um amplo processo da identidade feminina, subjetividade, que vai sendo construída ao longo do tempo, em que as questões de gênero e ficção tem muito a nos proporcionar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; & PITANGUY, Jacqueline. **O que é FEMINISMO**. Editora Brasiliense, 1985.
- BARROS, Antonio Claudio da Silva. ALMEIDA, Rosângela Farias. **A prosa do cotidiano em alto estilo (Notas acerca de UM PÉ DE MILHO)**. v.2. Campina Grande: Bagagem, 2002. p. 49-64.
- BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica – História, Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- CANDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In: Para gostar de ler, vol.5. Crônicas. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.23-29.
- COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos? In: **Fragatas para Terras Distantes**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- FIGUEIRA, Emílio. **Relações Interpessoais e Mudanças de Comportamento**. (2008). Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=887>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2015.
- FUNCK, Susana Bornéo. O que é uma mulher? In: **Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina**. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Vol. 20, N. 31. Brasília: UNB, 2011. p. 65-74.
- GALVANI, Walter. **Crônica: o vôo da palavra**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GÊNESIS. **Bíblia Sagrada - Edição Pastoral**. São Paulo: Editora Paulus, 1991. p.16.
- KROLOKKE, Charlotte. **Gender Communication Theories and Analyses: From Silence to Performance**. [S.I.]: Sage, 2005.
- MEDEIROS, Martha. **Doidas e Santas**. 38ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014. 232 p.
- MITTERRAND, Danielle. **Carta aberta de Danielle Mitterrand, sobre a amante do marido**. Certas cartas. Disponível em: <http://www.artefatocultural.com.br/portal/index.php?secao=materia_completa&subsecao=17&id_noticia=103>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2015.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 110-111.
- PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em literatura**. 2ª ed. rev. e ampl. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PORTELLA, Eduardo. **O discurso da cidade**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 31-42.

SÁ, Almir Moraes de. NA TRILHA DE FOUCAULT: a análise do discurso, a genealogia e a história. In: LUCENA, Ivone Tavares de. ; DOS SANTOS, Antonio Genário Pinheiro. ; LOPES, Paulo Aldemir Delfino. (Orgs.). **Análise do discurso: das práticas discursivas a mobilidades dos dizeres**. João Pessoa: Ideia, 2011. p.17.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **A Sedução da Palavra**. Brasília: Letraviva, 2006.p.201-205.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **A diferença na autoria feminina contemporânea**. Maringá: Eduem, 2011.p.231-245.

SILVA, Bruno dos Santos. **A mulher ideal e a mulher subversiva: representações de gênero em dois contos de Machado de Assis**. Revista Graduando, nº 1, 2010.

SILVA, Evaldo Balbino da. **Entre a santidade e a loucura: o desdobramento da mulher na bagagem poética de Adélia Prado**. Belo Horizonte, v. 6, p. 181-186, ago. 2003.

WENDT, Bruna. **As (multi) mulheres das crônicas de Martha Medeiros: a vontade do tudo na contemporaneidade**. 2012.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.

ANEXOS